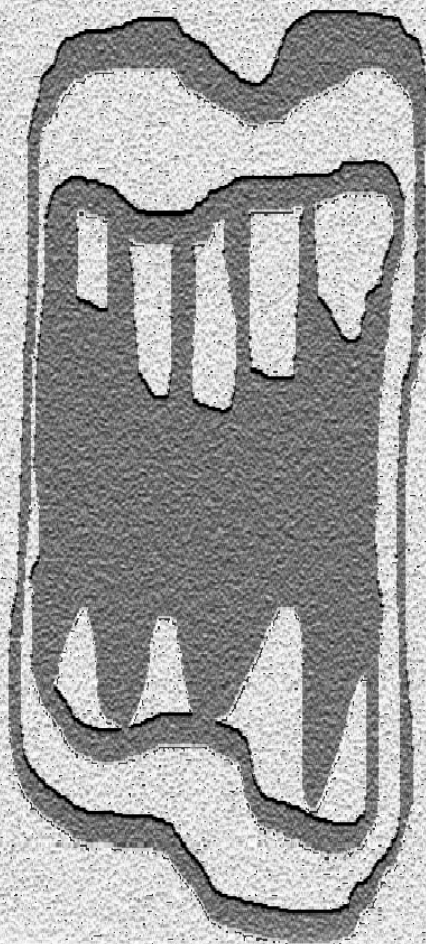


Monólogos



Gil Cleber

Monólogos

P o e s i a



Composição e ilustração da capa feita pelo autor.

*
**

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais.

*
**

Contato com o autor: gilccarvalho959@gmail.com

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas nela lei no 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

(antes do primeiro)	9
Monólogo nº 1	10
Monólogo nº 2	12
Monólogo nº 3	14
Monólogo nº 5	16
Monólogo nº 6	21
Monólogo nº 7	23
Monólogo nº 8	25
Monólogo nº 9	27
Monólogo nº 11	30
Monólogo nº 12	31
Monólogo nº 13	33
Monólogo nº 14	37
Monólogo nº 15	39
Monólogo nº 16	42
Monólogo nº 19	44
Monólogo nº 20	46
Monólogo nº 22	47
Monólogo nº 23	50
Monólogo nº 24	61
Monólogo nº 25	64
Monólogo nº 26	66
Monólogo nº 27	68
Monólogo nº 28	69
Monólogo nº 29	73
Monólogo nº 30	74
Monólogo nº 31	76
Monólogo nº 32	78
Monólogo nº 33	79
Monólogo nº 34	82
Monólogo nº 35	83
Monólogo nº 36	84
Monólogo nº 37	86

Monólogo nº 38	89
Monólogo nº 40	94
Monólogo nº 41	98
Monólogo nº 42	101
Monólogo nº 43	102
Monólogo nº 44	104
Monólogo nº 45	107
Monólogo nº 46	113
Monólogo nº 48	114
Monólogo nº 49	119
Monólogo nº 50	120
Monólogo nº 51	123
Monólogo nº 52	128
Monólogo nº 53	129
(depois do último)	130

(antes do primeiro)

Eu tenho o sentimento da terra,
das coisas anônimas,
dos seres silenciosos.

Eu tenho o sentimento dos que se ocultam
e espreitam,

E a imobilidade talhada em mármore dos que se
esgueiram
na dimensão das sombras.

Possuo a quietude dos sábios,

E a elasticidade dos felinos jaz em meu pensamento.

O vôo das águias alça-se disfarçado
em meu peito,

Porque as asas que tenho

ainda estão guardadas.

A hora de abri-las

e de voar

não tarda,

Mas enquanto não chega,

Recolho-me à minha concha

e adormeço.

Monólogo nº 1

Estou imóvel:

Este é o meu momento presente
em que não há hora para rir
nem para chorar
nem para ter medo ou sentir dor.

Meu instante é fixo e não vai além,

Se me movo não mudo

e se penso, continuo o mesmo.

Estar aqui ou em qualquer outro lugar não importa.

A ponte que cruza o rio cruza simplesmente o rio,

mas não meu abismo,

E esta estrada leva a muito longe,

mas a muito aquém de mim, porque ruas e estradas não me alcançam.

A água corre sob os meus pés

e a ponte não é mais imóvel do que eu.

O rio corre em direção oposta à minha imobilidade,

E em algum lugar há outra ponte e nela também eu estou.

Quem sou eu nessa outra ponte?

Não sei.

E por que me pergunto se não sei a resposta? Se não

sou capaz de ver meu outro rosto

ou, vendo-o, de reconhecê-lo?

Entre mim e mim

fica esse rosto que não conheço,

essa face estranha que seria de outro

se não fosse minha.

Debruço-me no beiral

e não há mais ninguém comigo.

O tempo não existe,
quem existe sou eu
e apenas eu passo,
ainda que continue parado, porque passar não altera meu estado
mais profundo,

E mesmo quando estiver morto um dia
na outra ponte morrerei também
mas continuarei lá, e os que passarem
me verão, e os que não passarem
poderão ouvir sobre mim.

Mas isto não é consolo.
Não distingo entre a vida e o permanecer quieto,
Mas não quero perdê-la
por enquanto.

Não sou covarde nem forte,
não me atrevo, mas não fujo,
prefiro ouvir sem responder
como a ponte, pela qual passa o rio murmurando sem que dela obtenha
qualquer sinal – a não ser estar ali e uma sombra que o sol acaso lance sobre as
águas.

Assim permaneço
E recolho-me a mim mesmo,
desconhecido deserto
em que pés não trilham meu rastro
e olhos não encontram direção,
Porque estou imóvel
e em mim não há caminhos possíveis.

Monólogo nº 2

Estou só

e qualquer quarto é vazio
e qualquer sala é vasta.

À volta de mim

alguma coisa que não conheço
perturba-me.

O que é isso sem nome, mais impreciso que a noção imprecisa dos meus
desejos inconfessáveis?

Quisera compreender o que dizem os cães
e falar sua linguagem,

E libertar-me talvez não da solidão
mas deste silêncio.

Falar com eles sem ser ridículo,
porque os cães não consideram o homem ridículo, nem aconselham, nem
recriminam, nem vão contar aos outros:

apenas ouvem
olham
e calam.

(Se existe uma árvore entre mim

e a sombra que ela faz

não estou certo se é a árvore que faz a sombra ou se a sombra que projeta no
espaço a árvore...

A árvore talvez esteja morta

E os galhos são como ossos,

Mas o eu estar aqui é um momento denso em que me tranco.

Um denso momento onde,

se abro uma janela

que não se abre
para lugar algum,
abro-a para nenhum lugar, que não sou eu quem abre, mas ela que se abre
sozinha, como o gesto de u'a mão indicando a luz do dia e a amplitude do espaço.)

Lembro-me de que estou numa casa em que
só um cão

ladra,

e outros respondem

noutros quintais,
noutra rua.

Tudo tão prosaico à minha volta que eu nem deveria escrever versos,
mas nada existe à minha volta a não ser ausência,
por isso preciso sempre escrever versos...

É pouco mais de duas horas da tarde,

e espero.

Monólogo nº 3

Falar,

Falar quando.

Que minha voz não se cale para que eu
jamais me esqueça

não dela

ou das palavras que digo,

mas daquilo que de fato eu digo.

Para que falar?

(À minha volta

o mundo inteiro fala.

A voz comum das pessoas,

Seus diálogos comuns,

Sua bobagens ditas sem medida...)

Palavras,

O que são palavras senão coisas sem sentido

a que nos acostumamos e teimamos

em atribuir algum significado?

(Por quê,

pergunto então,

por que escrever um poema?)

Mas é preciso buscar além das palavras. (então,

por que não escrever um poema?)

Falar,

E repetir indefinidamente esses vocábulos

até perder-se o sentido:

eis o caminho,

o ponto de partida.

Dizer:

“Vejo um telhado vermelho”
e repetir mil vezes até não saber mais o que seja telhado,
o que seja vermelho,
o que seja ver.

Hipnótico ruído
o da minha voz
nesse mantra destrutivo.

Mas nenhuma palavra basta.
Tudo que ouço
irrompe em meus ouvidos,
mas não em meu silêncio.

Toda palavra é vã
e passa,
mesmo as que Ele disse,
porque não são as palavras que passam,
mas os ouvidos que se tornam surdos,
o entendimento que embrutece,
a memória que se perde.

Toda palavra é vã
Por isso nenhuma quero ouvir
mas ver e tocar as coisas.

Não me descreva nada,
mostre-me;

Não diga,
olhe-me apenas...
...ou ponha na vitrola
uma sinfonia de Beethoven.

Monólogo nº 5

Sou como a flecha de Zeno

que não se move,

apenas parte
no sentido de tudo que não sei,
essa dimensão exterior a todos os limites,
impalpável como imagem no espelho.

Quisera falar,

mas falar assusta-me às vezes:

O que há

entre minha voz e o silêncio?

(Como guardar algo num cofre e atirar a chave num rio profundo...
...e saber que há outra chave em algum lugar...
...e estar sempre atento.)

Em minha mente ninguém poderá ler, mas
o lábio alheio pode trair-me.

(Atrás desse rosto

outro rosto

e outro por trás dele

como abrir muitas portas para salas escuras.)

Resta encontrar-me comigo mesmo

E, embora veja na estrada meu rastro,

Sei que jamais passei por ela.

Tantos gestos

(tantas palavras)

desperdiçados sem razão alguma.

(Eu estou aqui

mas minha mão abre uma porta longe de mim.)



Quero ser o patriarca de mim mesmo,
progenitor dos meus próprios sonhos
e construir um império amplo e vazio.

E olhando em volta nada encontrar

a não ser minha sombra
e o meu rastro.

Meu mundo exclusivo

em que nada se perca
nem se confunda
nem se transforme,
mas se preserve,

e seja perene

o que sou.

(É muito, dizeis todos vós;
estou louco, afirmais!
...estarei louco?...)

Não creio.

Não serei o patriarca nem o precursor de um império,
mas de um sonho.

(cansado de falar sozinho,

busco quem me ouça,
quem me queira ouvir...)



Eis os escombros.

O que há embaixo deles?

(olho-os, minhas mãos removem o entulho buscando os gestos que fiz
e se perderam.)

Os escombros,

Que são, além do meu próprio rosto no espelho das águas?
No espelho que vai passando

mas a imagem fica,

E fica

não para mostrar-me outra realidade

mas que não há

além deste ludíbrio

realidade alguma,

Que tudo não é mais que a imposição de uma farsa,

E vaidade,

pois tudo é vaidade...

Onde estarão as palavras que hão de testificar o contrário?



(Num quarto havia um dos-
sel sobre um leito e um casal
embaixo dos lençóis e amor
nos corações e gestos em
seus corpos e palavras em
suas bocas e luz nos seus o-
lhos... isso foi há muito
tempo.)



Quero ser o precursor de um tempo que só virá para alguns.

Serei o primeiro a entrá-lo

e descobri-lo

e conhecer seus segredos,

segredos que me trarão de volta o que sem saber

perdi.

Nele talvez se erga esse império,

e todos reconheçam minhas pegadas e minha sombra

e meu estigma nas paredes
nas vitrines
nas escadas
e em cada sala em cada quarto em cada jardim...
Assim terei construído esse tempo
e aberto suas portas ao mundo.



(Ontem abri esse quarto, e
não estavam lá o dossel nem
o leito. Um pó muito fino
recobria o chão, e as persia-
nas fechavam-se sobre o si-
lêncio e a ruína.)



Dou comigo,
caneta em punho a encher páginas e páginas
neste *scriptorium* velho e pobre.
Uns livros
um rádio
um tabuleiro de xadrez sobre a mesa.

A tarde nublada despede-se com sua luz mortiça,
(essa sensação
de esmagamento
e agonia...)

Homens e crianças falam no agreste,
uns pássaros cantam no lournal
e numa casa ao longe
uma vitrola martela um
hino religioso.
O mais, essa apatia...

...como erguer o mundo
se não sei o que fazer
com as próprias mãos?

Monólogo nº 6

Porque meus gestos de ontem não subsistirão

perco-me

e o que sou

escorrega-me dentre os dedos.

Ontem

em algum lugar

eu abri uma porta.

Hoje estou aqui.

Minhas mãos continuam abrindo essa porta

longe de mim,

ausentes

de eu estar ali abrindo a porta?

O que são os gestos?

Assim como as palavras os gestos não fazem sombra –

o que fica deles

a não ser a imagem confusa

irreal

e imóvel

de retratos antigos,

de memórias esclerosadas

e a impressão

tardia

de não terem existido?

Como procurar-me em ruas que nunca pisei,

entres esses casarios submersos na noite,

em cujas vidraças

só uma vaga claridade sugere uma presença?

Todavia é preciso partir.

Quem há de ensinar-me

não o caminho

ou o primeiro passo, mas

a possibilidade de ir?

(Será fingimento a dor que sinto?

Ou finjo que sinto

enquanto a dor é real?)

Responder ao enigma é encontrar o fio de Teseu com o qual se emerge do labirinto.

(e emergindo do labirinto trazer a fera que assombra seus corredores,

o Minotauro, trazê-lo pela mão,

porque eu sou como ele na minha condição mais obscura,

e minha face é a máscara que não vesti para um baile, mas para o mundo)

Monólogo nº 7

A mão desprende-se da luva,
O que sobrou foi essa aspereza a confranger-me os ossos.
Onde estão os anéis
Que adornavam os dedos dos cadáveres?

Os dias são uma página em branco:
por mais que escreva
jamaís chegarei à última linha.
(Morrer não é a frase final: é apenas a interrupção da escritura.)

(Quero tão só olhar para mim.
Critico-me. Estou nu e menosprezo-me por minha fraqueza. Mereço ser vilipendiado, porque sou pequeno e mesquinho.)

Depois percebo que procuro somente pelo que falta ser anotado,
e constato que muito do que já escrevi deixou de ter sentido,
muito se tornou ilegível,
outro tanto já esqueci
e concluo que sou uma página sem começo.
(Por que assim de repente tornar-me miserável diante de mim mesmo? ...e todos esses que me olham, por que me olham?)
(Aquele que expõe sua maldição em praça pública pode ser desprezado,
mas sua degradação só se dará diante de si,
de sua imagem ridícula no espelho,
nu, com o sexo devorado pelas fornigas.)

As coisas pequenas e silenciosas erram nas linhas que não foram escritas,
Mas bradam em sua mensagem
Tudo que se calou pela violência
E pela fúria se tornou sem nome.

Aquele que anda sonâmbulo na noite dos meus versos
É meu irmão gêmeo e louco que nunca tive
fugindo para longe de onde estou.

Monólogo nº 8

Mais que uma página em branco
O silêncio é uma praia
 clara e tranqüila
Onde posso escrever na areia,
 e se uma onda vem
 tenho um pergaminho novo para continuar escrevendo.
(Pouco importa o que se apagou, porque o silêncio é sempre o mesmo,
porque o silêncio após a praga e a maldição
é o mesmo após a prece o louvor -
 mas não o meu coração
 que muda em face do amor e o ódio.)

O silêncio para os que pensam
 é seu único recurso,
 seu livro único,
 seu mundo...

(Em algum ponto Penélope está ao tear e à roca
 mas Ulisses não volta...)

Minha solidão não é mais que a quietude da manhã,
 e minha voz repetitiva
 são intervalos de ruído uniforme,
 monólogo supérfluo.

Eu não possuo dias mortos para levar ao sepulcro¹,
Tão somente dias antigos que se interpenetram, contínuos e infalíveis,
Inacabados (Oh, Penélope, Penélope...).

¹ Referência ao soneto “Os dias mortos”, de Paulo Bonfim.

Meus dias, eu os levarei ao túmulo assim como são,
Antigos e inconsúteis,
Mas os deixarei também em qualquer lugar,
Qualquer página,
Porque meu túmulo não será minha morte,
E nos meus versos haverei de guardá-los como uma tecedura esquecida na
roca.

Após as palavras,
Após todas as palavras,
O que resta dizer?
Depois delas não há de ficar resíduo algum dos dias antigos,
Mas uma pedra
E algum cipreste,
onde os canários
construirão seus ninhos.

Monólogo nº 9

Quando as sombras se desdobram e se movimentam,
Assim que o sol deixa o dia,
 escuta-se um bater de asas e uns passos que vêm do escuro.
Contudo, onde está o meu rastro?
Em que momento o meu vôo?

Então falo.

Minha voz é qualquer coisa espessa, e pesa, e permanece comigo e se acumula à minha volta e se torna muralha...

Minha voz me incomoda.

Saber...

Saber apenas que me ponho diante de cada parede
 e me lamento, e em qualquer fenda deponho meu pedido, ainda
que não seja apenas um pedido,
 mas uma indagação...

A indiferença dessas paredes,
 no entanto,
 inquieta-me...

Há qualquer coisa insondável
 não em sua quietude, mas além dela.

Escutar-me é estar atento à multidão que vocifera em minha garganta,
É dar atenção ao caos,
Buscar todos os livros jamais escritos,
Ou os versos esquecidos na sucata dos intelectos perdidos.
Ou tão só redespertar o atávico fantasma da dúvida.

Onde estou

 diante de cada parede? Quantas
mãos possuo para abrir todas as portas?
Não me encontro nem antes nem depois dos passos que dei no caminho,

e minhas mãos estão vazias.



Preciso de um amor que me beije a boca

E me revele o segredo.

...Sentir o toque desses dedos

Como um noturno de Chopin.

Um instante

(brevíssimo lampejo)

De devaneio.



Rodin teria descoberto um modelo em mim,

Na minha atitude e nos meus neurônios de bronze, sua inspiração...

(Se reflito sobre meu caminho

sou porventura descrente

e reconheço meu resignado e tranqüilo desânimo.

Digo: Vesalius, minha mão repousa na consciência do mundo.

Dali, Dali,

visita

não meu sonho

nem minha loucura

mas minha razão!

Quero abraçar-te os pés de lama

e beijar-te os ossos enegrecidos.)



Sinto-me uma torre oscilante cuja pedra basilar não foi arrancada

nem tampouco posta,
Ou um livro
ao qual a cada dia se acrescentam páginas no fim
e se arrancam as do começo,
Qualquer coisa incompleta
cujas incompletude seja sua marca
mas também sua maldição.
Preciso lembrar-me de onde deixei meus sapatos,
E dentro deles a história de muitas viagens,
No pó que os recobre e em sua sola gasta
as ruas do mundo
inscreveram um poema que preciso ler,
Que das coisas que vi
Compreendi muito pouco
E já não lembro quase nada.
O vento segue para o Norte
Mas o meu rumo é o Sul.
Seguir o vento é um engano, ele sempre passa e nos deixa sozinhos de novo.
No meu Sul,
porém,
já não brilha o Cruzeiro: há somente um saco de carvão na curva
do caminho.
Onde,
Onde deixei meus sapatos?



Devo partir,
É meu direito, mas irei só.
Preciso descobrir o túnel que se estende detrás dessa luz,
Quero,
eu também,
enterrar meus cabelos na praia.

Monólogo nº 11

Às vezes não reconheço este lugar
Onde um cavaleiro acena para mim
sem me mostrar seu rosto.
(Será o Quinto Cavaleiro?
Aquele de quem não se suspeita
e as Escrituras não comentam,
e que pode surgir de repente
com horror e silêncio?)



Diante de mim há muitas janelas
E às minhas costas um só caminho,
portanto não tive escolha.
Cada uma dessas janelas se abre para um crepúsculo diferente,
Nenhuma para o alvorecer
E a noite que se insinua é longa.

(Não posso ver o abismo:
Ele pulsa em meu peito)



Este lugar é um espelho
e o cavaleiro quem sabe sou eu mesmo
dono de um rosto que desconheço.
Serei sua imagem ou ele a minha?
Ele pensa
ou eu penso?
De quem são estas lágrimas?

Monólogo nº 12

Cada janela que abro
mostra-me uma noite diferente
que me envolve através de suas grades.

(O Cavaleiro à minha frente fala quando eu falo
e não sei se a voz que ouço é dele ou minha,
não sei se sou eu ou ele quem fala –
faço menção de partir,
afasto-me,
e ele parte
e se afasta também,
mas súbito ressurgue
sem me revelar seu rosto
e pode estar à minha frente ou
às minhas costas
ou do meu lado.

Ele também vê as grades e a noite além delas,
mas, como eu, está impotente.)



Ao redor de mim meus livros não contam mais histórias: estão fechados.
Empilham-se aqui e ali, os nomes escondidos pela poeira acumulada sobre
a capa.
Testemunham minha ausência,
No entanto, penso,
enquanto o luar desenha um xadrez de luz no chão, e se desloca
vagarosamente.
Penso,

Porque as grades limitam meus movimentos mas não minha imobilidade,
E as janelas não são janelas
Mas miragens
através das quais não posso fugir.



Já não sei há quanto tempo estou aqui
Nem porque não me movo além das grades,
e só então descubro:

não há grades, que eu as invento como subterfúgio à minha fra-
queza:

Eis que não sou capaz de me defrontar com a escuridão.
(Onde estão meus olhos? Terei perdido meu pensamento, ou somente a
força, e quase a vida?)

A escuridão nem sempre é má,
Apenas guarda segredos.
Descubro mais: o cavaleiro não tem rosto,
Por isso não posso vê-lo.

Assim,

continuo de frente para todas as janelas
e nenhuma luz lá fora anuncia o alvorecer.

As grades, sim, existem, estão lá e posso tocá-las,
E tudo que tenho

é ficar parado
diante do Mistério.

Monólogo nº 13

Chove.

E eu preciso falar da chuva,
ouvi-la,
conversar com ela.

Lá fora
ouço qualquer coisa como um canto,
um rumor de voz sozinha no escuro
na qual percebo tudo que já disse
e não foi ouvido.

(Sinto-me um deserto onde ando em círculos sem achar o caminho de volta,
Labirinto cujo horizonte são suas paredes.
Deito-me às vezes, e adormeço nas dunas,
Mas meu coração é o simum que agita as areias.)

Meus lábios não se movem,
no entanto
ouço-me,
não com estes ouvidos
mas com qualquer outro além deles
que antes não sabia em mim
e me fazem ouvir o que estes não perceberiam:

Não é a minha voz, conquanto a escute,
Mas essa chuva
a molhar-me lá fora os ossos,
porque estou nu
e a nudez

é expor
não ao mundo
às multidões

mas a mim mesmo minha ossatura falível.
Essa nudez pesa-me como uma roupa antiquada.
Como hei de despi-la
E ficar

alma, apenas alma,
diante do infinito?
(Terei alma, além dos ossos?
Quem olhará para mim?)

Não sei o que falar da chuva,
Minha voz soa como um eco do rumor que ela faz quando cai no tanque e
nas folhagens do jardim,
E no escuro temo perder-me com minhas palavras.

(O luar, contudo, se ergue sobre as dunas,
por ora aquietou-se o simum,
e tudo está tranqüilo.

No deserto de mim não existe oásis,
só este luar.

Mas pra que mais?

Pra quê,

se sobre as dunas sento-me defronte à solidão,
toco-a como a uma laje de concreto,
e dentro dela há também qualquer coisa como uma voz que tam-

bém é minha

mesmo que eu ainda esteja calado?

Este luar me basta,

Mas o coração não fica sossegado para sempre:

O simum anuncia-se.)

Amo a noite e a chuva

E sou capaz de amá-las como a mim mesmo,

Ainda que nelas encontre

não a quietude que necessito
mas a turbulência que já tenho por caminho.

Meu coração se fecha
e nele eu me guardo,
e o sorriso que exhibo
não é mais
que qualquer figura colada a força
nos meus lábios.

Se tudo o que tenho é discorrer sobre a chuva,
Tenho muito pouco
Que todos os segredos permanecem guardados
E talvez eu possa senti-los
mas não descobri-los,
E sabê-los corrosivos
mas não explicá-los.



(Penso numa infinidade de quartos contíguos
Onde muitas portas se abrem
E detrás de cada uma delas eu me encontro comigo mesmo diferente do que
sou,
e me ponho a duvidar
não de mim
mas daquilo que eu talvez seja sem saber.)
O que sou
É esse escuro em que chove,
De onde estou ausente
E, no qual, pode-se buscar com as mãos
Feito um cego que perdeu a bengala,
Mas só encontra umidade
e um espaço vazio.



(Sobre as dunas,

o luar que partiu não deixou pegadas.
O medo obriga-me às vezes a manter fechadas todas as portas,
ou quase todas...)

Monólogo nº 14

Estou aqui, no meu canto,
E então escuto uns passos na rua em frente: é alguém lá fora reclamando os
caminhos que não percorri.
Sob a luz das lanternas
Se detém,
E na noite úmida não sabe disfarçar sua voz.



Na lama das ruas deixará um rastro
E quando por lá passar não hei de reconhecê-lo; então indagarei dos tran-
seuntes:

“– *Quem andou por aqui*
Procurando seus caminhos não percorridos?”

É certo que ninguém responderá,
E os rastros, verei que começam e terminam em qualquer ponto, sem dizer
de onde vieram, nem para onde foram.



Sim, alguém lá fora me chama:
ronda e espreita meu refúgio,
meu subsolo, e não ignora minha solidão.
“*Busque outro rumo*”, dir-me-ia, se eu acaso aparecesse à janela,
E num aceno de sua mão tranqüila
Indicar-me-ia o mundo.
Amanhã, quando sair à luz, verei seu rastro e certamente reconhecerei nele
os meus pés:

quem lá fora chamava por mim
era meu próprio sonho,
mas minha lógica incerta tolheu-me o gesto de libertação.

Os passos se afastam,
A noite agora é um cemitério cuja quietude ensurdece-me,
E quando sigo
Lá vão meus ossos chocalhando no esquite
como se o esquite se movimentasse.
Preciso acordar.



(Minha consciência de mim é um gesto vago.
De que adianta, pois, indagar do silêncio nesses monólogos tardios?)

É preciso acordar.
É preciso abrir as janelas,
Devo escancarar as portas
e ganhar a rua
e correr o risco de encontrar meu sonho caído na calçada;
Mas se isso acontecer,
Carregá-lo comigo,
e torná-lo forte,
e vivo.

É preciso acordar,
Mas, ainda que de olhos abertos,
Encontrarei portas cuja chave não possuo
E somente minha dor
estará aberta diante de mim.

Monólogo nº 15

(Terra de Baffim,
Em que o sol da tarde
Pulsa na aridez da terra vermelha,
E derrama sombras pelas fissuras da erosão.
Ah, esse lugar,
Cujo nome soa a distâncias e desolações...)

As minhas impressões –
 que mundo me cerca além delas?
Nesse mundo,
 que faço?
Minhas impressões são esses desenhos absurdos que não faço,
 mas que estão em meus olhos,
Como os sinais que os meninos traçam na areia
 e lhes dão um nome.

As minhas impressões,
Quem há de querer roubá-las de mim?
(Os ladrões sumiram-se na esquina levando consigo a alegria de alguém.
Quisera levassem também meu coração...)

Roubando-as, o que fazer com elas?
Construir para si um painel incompreensível?
Não, não preciso temer que mas levem de mim, estão seguras, mas o meu
coração muitos ladrões já roubaram,
 e como não prestava para nada
 jogaram fora.

(Uma árvore de galhos retorcidos
no alto do morro,

E o vento repetindo seu cantochão entre os espinhos.
Rajadas descem
cortando em diagonal pela vertente...)



[c]O que é o mundo
se não o que penso,
ou o que não penso, mas uma outra coisa?
Quando a Verdade se mostrar ante minha voz indagativa,
talvez eu permaneça parado,
e espantado –
não por não entender
mas porque não haverá nada que possa entender,
nem antes
nem depois.

Quando suas mônadas me abrirem as janelas
Mostrarão que lá fora não há nada,
e além da última parede
nem mesmo um espaço vazio.

Mas quando a última parede se dissolver
e confundir-se
aqui e lá
a mesma irrealidade,

perderei
não minhas palavras
ou o dizê-las,
e nem mesmo o que acaso representem,
mas o interesse que possa ter por elas.

Então estarei no limbo, sobre minha própria possibilidade de escombros,
Espectador da verdade ou da mentira,
pois mentira e verdade já não são duas coisas,
nem mesmo uma,

mas cedem seu lugar
a outro nome,

outro conceito,
outra idéia que não se exprime
e da qual suspeito,
mas sobre ela não tenho teoria alguma.

E no limbo,

Enquanto as grandes muralhas desmoronam e desaparecem na dissolução,

Lá estarão elas – as mônadas,

em seu incessante movimento,

indo e vindo,

desmanchando-se e se refazendo,

instáveis, caóticas, ilusórias,

diante do que não terei voz nem gesto,

nem resistência nem fuga.]

Monólogo nº 16

Chego à janela e olho para fora.

Confundo-me.

Estará mesmo aberta essa janela?

E lá fora

será de fato lá fora,

ou simples continuação de um aqui dentro restritivo e opa-

co?

O que significa olhar além de espaços sem sentido?

(Como se ao afastar esse reposteiro

deparasse um abismo

sobre o qual houvesse outro reposteiro

que eu não pudesse alcançar...)

Além da janela,

contudo,

existe alguma coisa:

Minha maneira de estar aqui,

A imprecisão da dúvida,

A concretude absurda de minhas impressões.

Mas são somente nuvens

que se interpenetram,

como se houvesse olhos a me fitarem de lá

dizendo:

“A janela está aberta,

toque-nos.”

E se eu acaso estendesse a mão

não haveria de tocar coisa alguma.

É toda essa ausência de alicerces sobre que procuro erguer minhas conjectu-

ras confusas,

ainda que as rachaduras nas paredes atestem o estado precário da construção.

Ou é um rio que corre fora do leito,
Que me deixa tonto com sua turbulência
E deságua muito longe...

(O que farei das coisas que construo com minha sensibilidade,
se somente eu me apercebo delas?

Se as expus nas feiras,
nos bazares
e até nos leilões

E ninguém sequer chegou a vê-las
Ou a fazer por elas qualquer oferta?
O que farei

além de empilhar tudo num quarto de coisas velhas,
como trastes que não se jogam fora porque podem ter ainda alguma utilidade,

como o barbante dos embrulhos que guardamos na gaveta porque
“nunca temos um barbante quando precisamos dele”,
e esperar que alguém um dia venha
e utilize o barbante,
ou chegue o comprador de sucata,
e se abra o quarto,
e no meio da desordem,
dentre a poeira,
elas ressurgam como coisas de algum valor
ali esquecidas por inadvertência?)

Monólogo nº 19

As lâmpadas da rua projetam muitas sombras minhas
no calçamento e nas paredes dentro dessa madrugada sem tempo.

O sono da cidade pesa,
mas minha insônia possui asas.
Encontro comigo mesmo em cada esquina
espiando para algum beco
ou somente parado
e sem ter aonde ir,

Porque é chegada a Hora estranha das muitas vozes
Que tento emudecer em meu pensamento.
Não, não sou eu que faço essa pergunta,
Mas todos aqueles que antes de mim a repetem agora através de minha voz:
“Quem sou?”

Encontro um caco de espelho na caçamba de lixo que o caminhão da prefeitura não esvaziou hoje,

Mas o rosto que vejo espionar para mim de dentro dele me parece estranho,
porque deparo com uns olhos imensos
abertos e negros,
não de espanto
nem de medo
ou de surpresa:
mas apenas de incerteza.

Este não é meu rosto de todos os momentos,
Mas o de quem indaga:
“Por que estou aqui?”

Do fundo de meu espanto
Sobe em eco
O canto de um galo!
Essa madrugada sem tempo possui um galo.
Ouço o canto do galo,
 repentino,
 e viro o rosto nessa direção –
 que direção? Onde cantou o galo?

O galo canta
 canta
 canta o galo
E eu atiro o caco na caçamba.
Amanhã o caminhão vai passar por aqui
 e esse pedaço de espelho será levado para qualquer lugar que não
sei, e não contará a ninguém a história do meu encontro com um rosto estranho
dentro dele.

Devolvo o caco ao lixo
E não ousou explicações tolas para questões a que outros se calaram.
Atiro fora o caco
Pois se deparo com os meus olhos no espelho
Olho através deles
 como se fossem janelas abertas para o escuro.

Monólogo nº 20

No virar das páginas deste livro
é indefinível o intervalo.

Quero esses momentos mínimos,
imperceptíveis
e inexatos,

O volver dos olhos de um ponto a outro,

O gesto impreciso
de que não me apercebo,

O instante
brevíssimo
em que a ponta da caneta se ergue do papel
entre uma palavra e outra.

Quero, sim, esses momentos mínimos,
E descobrir com eles
a textura do Tempo.

Monólogo nº 22

Tudo que resta

está além dos portões:

o pântano,

o arvoredor,

a viela de pedras,

a casa vazia...

Ah, os portões!...

O rangido das dobradiças que a ferrugem emperrou

e esses antigos portais

abrindo-se para o mistério

nessa casa assombrada

de quartos e salões vazios onde a tersa claridade da manhã não

chega

que é o meu coração.

Numa de suas salas,

Sobre uma mesa,

alguns velhos pergaminhos ficaram esquecidos, escritos numa linguagem antiga que reconheço minha.

Se entro nesse recinto ancestral

E remexo os papéis

Vejo que eu sou eu depois de muitos anos a reler coisas que escrevi um dia

e julgava perdidas,

mas que se preservaram

com a vã persistência

de uma memória caduca...

...que a persistência da memória continua diante dos meus olhos,

no entanto

não possuo memória alguma:

Minhas lembranças são como figuras de papel coladas em muitas paredes,
Para as quais basta olhar vez ou outra,
Um despregando-se e outras já caídas e arrastadas pela ágil vassoura da faxineira,

E de que não resta mais que um espaço em branco
E um pouco de cola ressecada nele.

(Tudo que sou
 esfarela-se,
e os dias são como os giros de uma pedra de moinho
a transformar meus ossos em pó.)



O oblívio das horas...
 dos dias...

Perdê-los é perder a vida que tínhamos então
 e que está de qualquer forma arquivada nesse fichário imenso e
cheio de gavetas inacessíveis
 chamado
 Tempo.

Talvez eu não devesse mais voltar a essa casa,
 que eu apenas, com minha sombra e meu arrastar de correntes,
sou a alma penada a assombrá-la;
Esquecê-la,
E fechar seu caminho com uma porteira de ferro,
 pôr nela cadeados que ninguém possa abrir,
E viver assim com o sol no rosto
E a brisa na pele refrescando-me o corpo
E ter sempre muita luz
 e um dia sem limites só para mim.

Mas não posso.
Hei de sempre percorrer aquela estrada

E atravessar os portões,
E deixar que o sombrio das salas veladas
Murmure uma praga
junto aos meus ouvidos.

Monólogo nº 23

Viver

é descer escadas que levam ao porão.

Há que se contar a história desses degraus sem retorno
onde qualquer sonho de volta
não é mais que a impressão de estarmos parados.



A minha alcova ilusória

É um momento em que fico deitado

Mas meus pés estão frios –

nesse momento, ando pelos charcos.

Já não estou deitado

e minha alcova é só um sonho.

Os momentos são uma farsa

e no porão não há tempo.

Não estou agora em minha alcova,

mas ao relento, no pântano,

E quando estiver deitado

Ainda que continue só

hei de ver que não tenho momentos,
apenas sensações.

A vida é um breve instante – alguém o disse em algum lugar em não sei que
época,

e a frase ficou

e virou lugar-comum,

mas a verdade que ela contém não é levada a sério pelas gentes.

Faz-se noite.
A noite é um lugar aonde vou em busca de coisas que nunca perdi,
Mas, no escuro,
 como encontrá-las?
A noite não possui muros,
 nem portas
 nem passagens secretas:
Vem, como labirinto.
Nesse lugar
 os ponteiros dos relógios enlouqueceriam
 e ficariam a correr
 para frente
 para trás
porquanto aí não se define o passar das horas,
o assinalar qualquer instante,
e aquilo que não se perdeu pode ser encontrado.

Tenho a cidade à minha volta.
Toda cidade encerra um segredo,
 a história não contada das mãos extintas que ergueram paredes,
 que abriram a pá e enxada a extensão de suas ruas,
 e cavaram o labirinto de seus esgotos
 onde não há Minotauro
 nem Teseu,
 nem Ariadne,
 mas tão somente o fedor do homem como fio indispensável a uni-
los em comum.

(Os cemitérios,
Garganta oclusa da memória citadina,
Onde todos os lábios não mais contarão vantagens,
 e todas as vozes são menos que o arremedo de já terem existido.
Tudo que se cala
 guarda-se ali
 e nada ressurgir
 para revelar segredos

ou contar fábulas;
recolhe-se, apenas, na calcificação do anonimato.)
Os pés vindouros se multiplicam,
como batalhão,
tropa indissolúvel não através das ruas
mas sobre essas histórias cada vez mais obscuras e distantes
trazendo consigo os gritos do futuro,
os ruídos indiscutíveis,
as luzes coloridas
e todas as mudanças
e todo movimento de vertigem
de um rodameiro sem limites...

...até se tornarem obsoletos
e virem outros pés
num outro tempo
a esmagar tudo que foi feito
e reconstruir de outra maneira.

E nessa força incontrollável
Mais se absorve o segredo
do qual ninguém suspeita.

Se um dia ficarem ruínas,
paredes alvacentas
cercadas pelo mato,
ruas intransitáveis
e os labirintos subterrâneos,

A impressão de tristeza que virá
Terá a voz dos grilos
das cobras
das corujas...

E o corpo corruptível dessas mesmas construções apodrecerá e cairá,
Mas o enigma permanecerá guardado.

Agora porém,
agora,
a cidade com suas ruas entrelaçadas finge um abraço,

um aperto de mãos,
um entrecruzar-se de dedos.
Na madrugada e no sono
parece em comunhão
entre si
e com as sombras,
A cidade tecendo um mito
E eu, em suas ruas, sem achar o caminho de volta,
a porta para fora de suas muralhas invisíveis,
sem sinaleiros
nem semáforos,
nem o guarda na esquina que dê uma informação,
conquanto haja degraus que levem ao subsolo;
como alguém num prédio de departamentos buscando a saída
sem achá-la
e ninguém em seus corredores que diga
“vá por ali”.



A estrada à minha frente.
A estrada à minha frente não é mais real que os meus passos.
Estou nela
ou ela está em mim?
Deixo na terra o meu rastro
ou ela, a estrada, rouba-me o rastro dos meus pés?
Ando
ou ela avança sob meus sapatos
em sentido contrário
dando a impressão de que sou eu quem anda?
Toda estrada
é meu mito de caminhar,
E se quero deixá-lo,
fico também,

E se o atiro pela janela,
 eis-me a cair
 de encontro às pedras do calçamento.

Por que andar,
 caminhar,
 ir,

Se o que sou não me larga e me sinto tão preso a ele
 e tão submerso nele que me desconheço às vezes e me percebo

ausente?

Meus pés são cada navio que deixa o cais

Levando em seus porões tudo que sou.

O cais

 é minha ausência,
 até que cada navio regresse,

Mas se nenhum deles regressa

Restam meus olhares para ontem

E minha ausência real é não mais que aquilo que sempre desejei ser (ou ter)
e não fui (ou não tive).

Outra vez na minha alcova,

Estou deitado

 e penso.

Estar aqui é como as tardes de inverno,

 breves e frias,

 que logo desembocam na Noite.

Não adianta trancar a porta e a janela,

 resguardar-se do vento,

 acender todas as luzes

 e encolher-se sob o lençol.

A tarde cinzenta passou chorando,

 mas a noite se anuncia sem fim.

Este meu refúgio

 não é refúgio.

Quando se fizer noite

Não conseguirei evitar o vão,

 o charco,

e mesmo que permaneça deitado, atolar-me-ei nele, ainda que não queira.

Ah, o desespero,
a inevitabilidade...!
Onde,
meu Deus,
está Deus?



Todas as cidades têm uma história contada.

Procurem,

que se encontram velhos livros nunca lidos
em algum recanto de escrivaninha de um historiador senil
ou nas estantes não visitadas da Biblioteca Municipal,

Procurem,

e ali se poderão ler coisas que já não interessam a ninguém, algu-
mas datas sem valor,
acontecimentos sem importância,
nomes ilustres...

Busquemos os museus que contam essas coisas,

jornais velhos há muito fora de circulação,
antigos casarios em postais descoloridos,
e neles ainda ruas e praças e monumentos derrubados e fotografi-
as com caras desconhecidas e nomes por baixo

(que me interessa saber se este aqui se chamou José

ou João

ou Pedro

se qualquer nome que se lhe dê não pode alterar o que ficou en-
terrado no esquecimento de tudo?

se quando esse retrato um dia se perder

ou queimar

terá durado mais que os ossos que pertenceram a esse José

ou João

ou Pedro?).

Mas a verdadeira história
continua velada,
as mãos secretas que construíram tudo sob o grito de comando
e à necessidade da fome
e ao esquecimento do cansaço
continuam sem nome e sem data
em tácito segredo.

Mas por quê,
por que estou falando destas coisas?
Por que só consigo sentir desta maneira?



Meus olhos são qualquer coisa que se move,
E minhas mãos não são mãos
mas o arremedo de muitos gestos,
Assim como minha língua não é mais que toda palavra dita ou não dita,
E toda maldição proferida ou calada...
Meu corpo é tão só o contorno que um cego acharia se o tocasse,
Só minha consciência é a prova de ser que eu possuo.

Perco-me entre meu pensamento
e o objeto dele,
como se tivesse de cada lado uma parede
entre as quais ocorre um lapso...
O que há é apenas um lapso de eu me esquecer que penso,
o vão entre essas paredes
é o nada entre elas no qual me descubro.

Até que torno a mim e reencontro o fio dos meus pensamentos,
e todos fluem
em desordem ou não,
mas controlados, firmes, sensíveis.



Eu sou um pedaço do povo desta cidade,
E minha casa,

minha mera e incidental alcova,
uma parte dela.

Eu talvez tenha contribuído para que se fizesse uma rua ou uma parede
e, ao mesmo tempo,
para que se relegasse ao esquecimento uma história,

E pode ser que meus pés tenham ajudado a esmagar qualquer mensagem,
E minha voz

a calar nalguma garganta
um murmúrio revelador de inutilidades, essas inutilidades de que

o homem se alimenta,

e se cria,
e finge expandir-se
conquanto,

néscio,
não perceba que finge...

Estou divagando,

Pareço seguir diversos rumos sem nexos

Perdido entre tantos pensamentos que me ocorrem sem concatená-los,
como multidão apressada numa gare

querendo,
todos,

passar ao mesmo tempo
pela mesma roleta,

Mas estou consciente e seguro;

ainda que febril e ansioso porque eu sou parte dessas coisas
e por isso falei delas,
e fiz essas reflexões sobre a alma da cidade
nesse monólogo incompreensível.

No entanto,

por que haver uma cidade
se todos que a habitam
são estranhos entre si?

Qual o propósito desses ajuntamentos
estratificados e divididos por essas léguas de paredes mudas,

pelo abismo dessas ruas
não entre as casas
mas entre as pessoas
e a distância que trazem essas portas e janelas detrás das quais a
luz que brilha é exclusiva?

Por que faço,
eu,
parte disso,
encastelando-me em minha torre distante,
escondendo-me atrás de suas muralhas?

Todo o mistério,
porém,
flui na madrugada,
quando tudo é um jogo de escuridão
e luzes,
de silêncios
e ruídos,
de solidão
e companhias inusitadas.

(É quando estou andando sozinho e aparece um bêbado ou um mendigo ou
alguém que volta para casa carregando também sua desgraça, ou passa um cachor-
ro sem dono,
e eu me sinto como ele, pois também não tenho dono...)

(É também quando qualquer voz repentina possui uma entonação nova vin-
do de não sei onde, ou é só o canto de um galo e os latidos de um cão
e vejo que minha voz está em suas gargantas,
porque sou um galo cantando na minha madrugada
à espera de um alvorecer, mas também sou um cão latindo
não para a lua
mas porque não vejo lá em cima a lua...)

(Mas é ainda quando saindo d'algum beco ou rua escura para a luz vejo mi-
nha sombra na calçada

e me dou conta de que trouxe comigo um pouco dessa escuridão.)

À luz do dia,
porém,
eis que é velado o mistério,

A cidade é o povo,
as casas,
os carros,
o barulho,
o comércio,
a vida...

E eu sou uma fatia disso...

Mas o segredo pesa-me nos ombros
e além deles.

Tudo o que teria para dizer é anacrônico,
como jornais velhos
que não interessam mais a ninguém,
a não ao dono da quitanda que poderá embrulhar sabão com eles.

Assim,

não me sobra muito mais que isso,
falar da textura do silêncio
e falar sozinho, comigo mesmo,
embora pouco me importe que alguém se ponha a ouvir o que
digo ou a ler o que rabisco mal e mal nesses rascunhos irregulares,
que se algum ouvido furtivo é incitado a uma indagação,
poderei ausentar-me, e deixar como resposta a própria sabedoria
do silêncio.

...e quando perguntarem

“E sua vida?”

E o seu sonho?”

apenas baixar a cabeça,

volver-lhes as costas,

e ir...

Porque sonhei pedras raras

E jóias de delicado lavor

mas tudo se revelou ouropéis
e brilhantes falsos,
desses que se vendem às dúzias nas feiras e lojas de bijuterias, pregados em
cartelas de papelão;
E entre mim e o meu sonho
Os degraus que tive
desciam,
perdiam-se no subsolo...

Monólogo nº 24

Cá estou, nesta charneca, a desenterrar baús,
arcas antigas,
E dentro delas vou encontrando coisas perdidas,
velharias,
trastes há muito dados pela memória e pelo peito a algum sucatei-
ro anônimo que decerto me anda aqui por dentro...

O suor no rosto não me atrapalha a tarefa absurda de procurar meu próprio
rastro,
mas até agora achei somente esse par de sapatos velhos com os
quais percorri meu caminho.

Em qual desses baús
hei de encontrar-me?

Estarei procurando por mim mesmo,
Ou busco encontrar tão somente a caveira do que não sou?

Porque se assim for,

A charneca é o cemitério onde se enterram
não os mortos
mas os fragmentos,
os resíduos,
o que sobrou de alguém que,
no entanto,
continua vivo.

Não estarei um pouco em cada uma destas caixas?
Abrindo-as, todas, não hei de deparar com o quebra-cabeças desmontado
de mim mesmo?

(...o meu coração é um pêndulo,
um ponto móvel
na estática serena

tranqüila
e outonal
mas sem tempo
que construo ao meu redor...)
Não devo procurar apenas numa dessas arcas,
mas em todas,
E quando a planície estiver juncada de trastes
e cheia de crateras,
Reconhecerei nela meu coração doente,
e terei de cobrir de mim mesmo o quanto há de obsceno em tão
miserável nudez!

(Por dentro sou uma parede há muito pintada de branco,
e em cuja cal
a umidade e o bolor desenharam caretas e gestos feios e mapas
indecorosos
em cinza
e verde.

A minha voz talvez não seja a minha voz
Mas essas figuras tortas que aparecem na brancura encardida da parede;
Nem as minhas palavras são minhas:
Soam
como se afigura aos meus olhos o entrançamento dessas linhas,
E o meu caminho nesses mapas
É o perguntar-me a mim mesmo o porquê deles,
Pois só possuo caretas verdes
e gestos feios,
e mapas que não indicam lugar nenhum.)

Melhor seria esquecer tudo isso.
Um homem jamais deveria ver-se de perto,
Pois corre o risco de desprezar-se
e morrer todas as mortes de uma só vez.

Sim, continuo a desenterrar baús no deserto
como caçador de tesouros perdidos,

Mas nenhum tesouro me espera
e eu estou certo disso:
todas estas arcas que busco
revelar-me-ão pouco mais que escombros e pó,
E do que me concederem
Erguerei meu próprio império carcomido
no meio do qual
reinarei sozinho.



A despeito de tudo
não posso interromper a busca.
E para tanto
resta-me uma tarde longa,
esse sol vermelho de outono,
esse dia que só há de ter um único declínio.

Monólogo nº 25

...E de repente

nesse lugar indefinível

e indecifrável

que se diz

Noite

acende-se o farol sobre as águas

os recifes

as embarcações perdidas.

Eis o meu naufrágio,

meu caminho,

minha rota sem bússola para qualquer cais intangível entre a névoa,

em que ficam meio dissolvidas todas as formas, todas as arestas rí-

gidas...

Estar aqui é um velho navio perdido

Que naufragou mas não foi ao fundo,

E em cujo convés se fez uma noite

onde qualquer farol não é mais que um porto aquém da certeza,

iluminando o gesto estático e perpétuo das rochas submersas.

O farol é um arremedo da verdade,

Tudo o que ilumina é a superfície para evitar o desastre, sem que se perceba
que o naufrágio é o próprio evitá-lo.

Resta-me a Noite,

E quanto mais escura

Mais hei de aprender sobre ela.

Não quero ver a fúria que se desenrola em volta,

só percebê-la,

E quanto mais agudos os recifes,

melhor!

(Por que desviar-me deles?)

Por que não sentir na carne a laceração que me podem conceder como prêmio

ou castigo

ou mera conseqüência do meu atrevimento?)

Devo atirar-me à tormenta,

E se dela sair ileso não terá valido o esforço;

Se, todavia, emergir alquebrado e ferido,

Também muito pouco terei conquistado:

Umas certezas claudicantes,

Um ar de falsa segurança,

E uns cabelos embranquecidos a força,

Mas terá valido a pena.

Monólogo nº 26

Estar longe ou perto de mim
não faz diferença.

Onde está o amor que não tive,
ou que perdi,
ou que esqueci na gaveta de uma cômoda antiga que o antiquário

levou

(por um preço irrisório
como todos os antiquários fazem)?

Onde pode estar tudo que no meu olhar desperto guardei
e já não tenho,

Se já não sei onde estou
nem quando venho?

Amo,

mas ao meu redor é muito depois do crepúsculo.

Amar é uma noite sem itinerário
nem história,
na qual desconheço a direção
que tomo, e nem resistir
eu posso a essas mãos que
me domam – mas que eu não
domo.

Quando eu encontrar meu rastro
Encontrarei nele também o rumo que não sei
Para esses campos de talvez,
Planícies incertas onde nenhuma direção percebo
nem inventarei.

Que essas direções em mim

traçar não posso,
que não há espaço,
ou se houver espaço
não haverá direção possível
ou possível traço.

Movo-me

não sei para onde
nem mesmo se para longe
ou perto.

Tudo de que me recordo ser

é a sombra vertical de um cacto singular no meio do deserto.

Monólogo nº 27

Meu corpo

é leve, e puro
o movimento,
mas
na mente imóvel

Todos os paradoxos de Zeno fazem sentido.

Toda turbulência aquietou-se,
dormiu,

Para que na serenidade

estática
e impoluta
despertassem
a investigação
e a busca,
o encontro
mas os meandros da dúvida,

e ainda assim

no entanto
o Êxtase

Do Enigma que ao fundo se desdobra.

Monólogo nº 28

Perceber-me o coração

é a loja de um antiquário atrás de cujas portas
cada sentimento possui uma etiqueta e um preço.

Tudo ali é velho,

E é preciso espanar o pó das peças para ver melhor o que se expõe nas vitrines.

Mas não, que essas coisas expostas guardam-se atrás de batentes cerrados,
tudo porque o antiquário tem a loja nos fundos de
um beco aonde ninguém vai,
e, assim, as quinquilharias permanecem intactas nas vitrines
paredes
e mostruários.

(Quanto custam, porém, o riso,
e o pranto
e a alegria
e a dor...
quanto custam?)

Sob o pó que vela a etiqueta,
que preço foi escrito?

E há quanto tempo
que talvez já nem valham nada?

Pobre coração,

Que precisa pendurar por toda parte cartõezinhos com um número,
E fingir que é hipócrita,
E ser hipócrita,
usurário,
perverso, sei lá...)



Entanto,
Por que não abandonar esse beco vez por outra?
Por que não caminhar pelas largas avenidas,
e pelas calçadas amplas e claras
ante as vitrines coloridas
sem pó
sem velhice
com seus preços
sempre novos?

Por que não dar-se ao mundo,
fazer parte dele,
andar,
ir?

...Mas que passos eu tenho para isso?

Os meus passos...
Sou ausente deles
e, de mim para onde não sigo,
É só um simulacro de ponte sobre o precipício.

A ponte está lá,
e o murmúrio que vem do fundo
é a queda nele que ele guarda para mim.

Não, sou ausente
não dos meus passos
mas de saber para que vale andar,
não do meu rumo
– qualquer que seja –
mas do conhecimento que por hipótese ou porventura venha a ter
de que possuo um.

Viver é um dia muito longo

no qual o sonho
o horror
e a fúria
mais não são que o reflexo do mesmo rosto no aço irrevogável do espelho;
nada,
além de melodias da mesma sinfonia inacabada.
Porque a vida é um grande silêncio,
uma imensa porta fechada,
um labirinto sem muros
paredes
ou grades
(Talvez seja
ela própria
a espessura de uma parede, o entrançamento monótono e comum
de uma grade, qualquer coisa assim...)
Onde direção alguma conduz à saída.

Morrer é, por certo, um silêncio muito maior,
um intervalo onde nada faz sentido.

(Como quem constrói uma casa erguendo a parede dos fundos junto a uma
rocha, e vedando esse mero espaço por cima e pelos lados, formando-se assim um
vão
onde o tempo não passa
e tudo está parado,
e a escuridão entre a parede
e a rocha é apenas escuridão...)

Morrer é, pois, sair-se de uma sala
e entrar em outra pela única porta giratória que liga ambas, mas
que só gira num sentido.



A ponte está lá,

mas ousarei atravessá-la? Arrostar
o precipício?

É só um simulacro de ponte

mas eu também sou apenas uma simulação de mim mesmo a ir

por ela

– embora o abismo seja real.

E assim talvez eu vá

ou fique aqui, parado no mesmo

lugar, porque, enfim, ir e ficar são a mesma coisa.

Todavia, é preciso

e urgente

arrebentar o aço desses elos irremediáveis

devorar minhas vísceras e

beber meu sangue

e revestir-me não de mim

mas do que não é em mim

E viver,

viver...

Que isso é tudo o que se pode, em verdade, fazer na vida e afirmar:

“Eu o fiz,

Porque fui eu que o fiz.”

E no fim das contas

nem mesmo isso ter-se-á feito

porque viver é só uma impressão

e afirmá-lo é vago tanto quanto não afirmá-lo,

até que viver e não viver são a mesma coisa,

porque um dia olharão uma lápide, duas datas

e um nome

e tudo parecerá cinzento

esbatido

gasto de cansaço.

Monólogo nº 29

Os nobres,
Como são tolos os nobres
A sustentar seu nome de família e
sua grandeza
hierarquia e
brilho
num alicerce de ossos envelhecidos,
carnes que apodreceram como a de qualquer cão sem dono à beira da estrada,
da,

Nomes
compridos e vazios
sem significado algum,
de que em sua maioria ninguém mais se lembra
ou se acaso se lembra
é algo tão vago e momentâneo
que é como se nem lembrasse.

Um dia alguém reescreve sua história
e todos os nomes
ilustres
pesados
desfilam com garbo pelas páginas cheirando a novo...
Páginas que muito poucos vão ler
Para recaírem no pó das estantes jamais visitadas,
Túmulos incontestáveis e definitivos
De onde nenhuma exumação é plausível.

Monólogo nº 30

Todos os mitos pereceram.

...Como um castelo cujas torres ruíram
e as paredes ainda de pé
mostram fundas rachaduras...
qualquer torre nova
que se erga onde a antiga esteve um dia
é apenas uma torre nova,
não a torre antiga reconstruída;
qualquer tentativa de reparar as fendas
as torna mais visíveis.

Porque tudo é breve
E eu talvez seja o poeta a cantar
 não isso
 mas o que vem depois

E a minha voz e o meu canto sejam o que há dentro de um invólucro que
não se sabe o que contém.

Quando tudo se perde
 urge procurar outras coisas,
 achar outras coisas,
(talvez por isso as pessoas vivam derrubando casas velhas
 e construindo casas novas)
 mas o que sobra depois disso é só um cansaço,
uma rouquidão crônica e um cansaço...

Vive-se como se a vida fosse uma espiral:
 há sempre uma curva
 após outra curva
e nunca se pode ver muito adiante;

Atrás de cada uma dessas curvas
espera-se encontrar algo
Mas o que existe
é só outra curva a nos revelar atrás de si outra curva onde se espe-
rava encontrar algo.

(A última curva, porém, não a contornaremos,
nem saberemos nunca
se era de fato a última.)

Tudo o que sobrou, portanto, do encantamento,
É esta aridez,
 erma e de horizontes medonhos
 com um pilar erguido a sobressair-se
de uns escombros e a estender sua sombra longa em direção à noite...

D. Quixote posta-se na planície sob o sol
 e os moinhos de vento
 o contemplam
 vencedores e tranqüilos.
“Olá” – grito-lhe eu, num aceno,
 mas minha voz é o eco da sua
 a antecipá-la;
 e o meu aceno –
 só
uma sombra na areia o responde.

Monólogo nº 31

Em mim

existe um bloco de mármore
em que a forma jaz adormecida

Até que o escultor erga o martelo e a talhadeira.

Mas quando estiver livre ouvirei o grito:

“Fala! Fala!”

E lhe direi:

*“Respondo-te,
pois somos o mesmo pesadelo”.*

Porque estou aqui

despido do que fui
por minha própria e furiosa rebeldia

(mas nesta quietude

minha voz é o véu que dela me separa,

um som concreto,

quase,
que em vez de subir
desce,

cai,

como pedras caem no chão.

E me soa estranho,

às vezes,

como pancadas de martelo numa bigorna, em uma sala vazia

e cujo som persiste ainda por muito tempo depois de as pancadas se terem
acabado,

que eu ficou ouvindo
tentando ouvi-lo...

É como se então eu olhasse meu próprio rosto num espelho sem reflexos).

Há vezes em que me sinto um invólucro,

uma lata vazia
sob cuja tampa guarda-se a vacuidade de um pouco de ar sem
história,
Qualquer coisa a acabar-se...

Aqui estou como o limiar de duas terras inóspitas,
essa que me envolve e é como uma cidade onde todos os habitan-
tes estão loucos, e que não compreendo;
e uma outra,
que é dentro de mim,
e que eu não conheço;
floresta selvagem que se fecha à minha bandeira,
e ao sopé dos seus montes me concede
tão só
as águas-marinhas que não procuro;
lugar que ilude
e desorienta,
onde a rosa dos ventos não faz sentido.

Monólogo nº 32

Quero ver-me quando eu vier,
Quero ver-me chegar na curva da estrada,
meu vulto surgindo de repente
anônimo e só,
estrangeiro no seu próprio caminho.

Quero olhar para mim mesmo
e ver-me dançar num palco sem luz,
e saber-me por certo numa ilha onde não há estrada nem palco,
nem quem assista a minha pantomima ridícula que não desperta riso nem piedade,
apenas aborrece.

Poderei ver-me ali no canto
ou em qualquer lugar,
e então olhar-me cara a cara,
talvez sorrir...

...Olhando para o que fui ontem
e imaginando o que serei amanhã
Quando chegar amanhã hei de ser diferente do que imaginei,
e o que fui ontem será diferente do que me hei de lembrar.

...Nunca estarei certo de mim mesmo,
Estrangeiro no rumo que eu mal desenhei.

(Aí está D. Quixote, sempre ao pé de minha sombra...
Nosso Rocinante, mais velho e mais magro...
...Onde está a lança que forjei de um galho seco
para suprir a que parti contra os moinhos de vento?)

Monólogo nº 33

Estou deitado no escuro.

Esta é minha cama,
este é o meu quarto.

Estou só

do
mas o que eu penso forma um corpo vasto que se põe ao meu la-

ou flutua sobre mim

e a escuridão é uma voz que fala em silêncio de imponderáveis
sonhos além do sono,

o meu olho aberto, contudo,
atesta não só minha insônia
mas o quanto é implausível sonhar.

(Estou deitado neste leito.

Quero deitar-me em quantos leitos
e fingir que durmo quantos sonos,
quantas noites,

Que só me cabe fingir meus sonhos
e todos os dosséis fechados vão representar noites para mim.

Então levantar-me pelas manhãs

e não fazer a cama,
pelo contrário:
deixar nos lençóis a marca e o cheiro do meu corpo
porque outro leito me espera na noite seguinte,
outro leito onde alguém também se deitou e partiu deixando-o

por arrumar.

Partiu,

como parte no asilo o velho que morre pela madrugada deixando
sua cama para outro velho que venha ocupar seu quarto,
e então eu sou o velho que parte,

mas também o que chega,
E a marca que eu encontro pode bem ser a que eu próprio deixei.
Partiu,

mas no canto ficou a bengala para que outro a use, a bengala que
outro, chegando, há de reconhecer como sua,
porque todos os velhos são iguais,
e todas as bengalas são iguais.)

O que farei amanhã ao me levantar?
O que farei nesse dia novinho em folha que vou ter?

Talvez fosse melhor perguntar

com que propósito hei de me levantar amanhã,
caso me levante,

e com que finalidade hei de fazer sempre as mesmas e pequenas
coisas?

Sou pequeno

mas meu pensamento é grande,

E ao meu lado ele se expande e se avoluma e enche todo o espaço.

Por quê,

meu Deus,

ao homem tão pequeno foi dado o tão grande atributo de pensar?

Que fiz para merecê-lo,

talvez como castigo

e não como prêmio?

Que pensar é um nascimento que dura a vida toda,

E toda a vida

dói.

Está frio,

E o meu quarto é maior que a noite,

E eu, mais cego que o mendigo da esquina.

(Sei lá que mendigo, que esquina, que “eu” é este que aí está deitado...)

Na quietude

posso mesmo ouvir meu coração
que bate...

como alguém que bate sempre diante de uma porta sem que jamais lhe venham abrir.

É então que pouso a mão no peito e sinto:
tenho aqui dentro um velho
e a bengala em que ele tenta se apoiar
sou eu quem a segura nas mãos.

Monólogo nº 34

Sou um menino que dorme
e sonha que ficou grande,
um sonho que parece não acabar mais, de tão comprido,
um sonho
no qual o menino adormecido jaz guardado dentro do homem em
que pensou tornar-se,
dentro do homem que não dorme,
ele mesmo agora a sonhar com o menino de um dia
que dormiu, não sabe, ou se perdeu,
mas que de qualquer forma
não vai mais acordar ou ser encontrado.

Em sua vigília
esse homem sabe que os sonhos são apenas sonhos,
por isso permanece atento,
sempre atento...

Monólogo nº 35

Vejo passar os dias
Como quem vê passar os vagões de um trem,
E o meu coração é como uma porta pela qual ninguém entra.
(Não sei aonde vai dar esta estranha ferrovia:
a locomotiva se perdeu em suas curvas e desvios,
há vagões quebrados, sem luz e sem vidros nas janelas,
com sombras móveis de grandes olhos espectadores e fugazes – mas nítidos
na velocidade das horas,
sombras enfermas
que não sabem que os vagões iluminados podem ser seus também.

[Estarei,
porém,
neles,
ou à margem da via férrea
vendo-os passar?])

Tenho olhos somente para contemplar a ruína.
(O que apita é o trem que passa,
ou é o apito que faz passar o trem?)
Por que esse apito inútil?
Atirai-vos, vagões, no despenhadeiro!
Precipitai-vos, comigo dentro, através desse túnel que é como o meu coração, pois a nenhum lugar conduz,
Precipitai-vos,
Que de qualquer forma
O fim da viagem é sempre o fundo do abismo!)

Monólogo nº 36

Esta é a canção,
a elegia,
a ode à Grande Noite
suprema e desconhecida,
à Grande Noite cuja sombra é a concretude intangível de todas as
noites terrenas,
e cujas horas possuem
não o horror,
não o silêncio,
não o sono das outras,
mas a ausência de tempo que há nelas.

(Na presente noite que vivo
as sombras vêm de uma outra mais antiga e extensa,
mas na Grande Noite,
onde esta elegia não se poderia cantar
tudo é ainda mais antigo e extenso, sem tempo e exterior a qual-
quer espaço.)

Ó noite,
quantos fizeram versos sobre ti
e tocaram violas
e cantaram modas em tuas madrugadas
junto às janelas ou nas praças ou no cais...
Quantos nem sequer imaginaram
que em tuas sombras,
de trás delas,
além delas,
dentro delas,

Abriga-se

a Grande e Interminável Noite,
essa que se estende através dos dias
através dos tempos,
intransferível
e desconhecida,
além da mente,
do coração,
e da alma.

Porque tu, noite comum de após o crepúsculo,
Tu trazes as mesmas sombras seculares
Que falam do segredo dessa outra que não se pondera
nem se descreve
mas apenas se pressente,
e não se busca
mas que vem inevitavelmente.

Ó noite cujas pegadas se apagam mal desponta o sol,
fala.

Na quietude,
No além de ser só escuridão,
fala,

Que em tua voz
Essa outra fará uma canção profana
não para os meus ouvidos,
nem para os ouvidos dos outros homens,
mas para um sentido de que não se suspeita
e que surge com o absinto.

Ó Noite,
desconhecida e sem nome,
somente tu podes afogar-me em álcool.
Brindemos,
pois,
teu poder e impiedade,
e deixa-me dormir em teu silêncio.

Monólogo nº 37²

(A morte é um gesto imóvel
estático
congelado na textura da tarde.)

Cada gesto meu

Reflete a erosão do meu peito antigo,
do meu coração sem crenças,
do que prefere adormecer sobre as pedras,
um sono rupestre
em soalheira de outono.

(Hoje

meu pensamento é como a encosta de um barranco pela qual as
águas da chuva correram abrindo sulcos tortuosos e profundos.

É assim um pensamento lavado e gasto,
rasgado e nu
a mostrar que por dentro é tão estéril quanto na superfície.

Que pensamento é esse
na imobilidade em que me detenho?
[Será essa a imagem da tarde que antecede a Noite, a Grande

Noite])

Homens e mulheres,
Nesta tarde fervente,
Dormem o sono das sextas.
Minha inquietude pesa,

mas os adormecidos ressonam pesadamente na digestão de seus
almoços fartos.

Logo hão de despertar,

² (Poema premiado em 3º lugar no Concurso dos Servidores do Estado em 1994.)

espreguiçar-se,
e sair,
cada qual para seu destino, na intrincada trama da cidade.

Eu,

eu hei de permanecer aqui,
presa da minha inquietude,
dissolvendo-me nesta erosão interminável
que me transforma em pó,
aqui mesmo,
no silêncio e nas sombras deste recanto,
de onde olho a vida que passa.

Sento-me, pois, no silêncio,
na placidez da hora outonal
de uma varanda sobre um jardim
que tem à frente uma rua
que passa como a vida.

Então medito.

O tempo é uma imensa flecha que voa num único sentido,
mas como a flecha de Zeno
na verdade não voa
nem se move:
somente aponta.

Dentro do tempo existo como mero acidente,
e essa tarde soalheira tem uns ares de desolação doente
onde

minha voz
meu pensamento
meus gestos
existem independentes do meu corpo.

Sinto-me fragmentado,
E nada há que reúna e dê sentido aos fragmentos
desconexos, como se fora um mapa de terra desconhecida,
rasgado em inúmeros pedaços que,
de qualquer forma que se juntem,
adotarão sempre
a mesma conformação

incompreensível,
descreverão sempre
uma terra desconhecida.

Em volta,
o jardim,
árvores,
pássaros que buscam repouso na aproximação da noite.

A noite chega aos poucos,
leve mas densa,

E o crepúsculo é tão só uma confusão de manchas
no extremo oeste.

(Eu também sou uma confusão de manchas no mais profundo
extremo de eu ser uma confusão de manchas.)

Tudo mais,
apenas meu eterno pensar,
e essa abacial serenidade
dentro do víscido silêncio.

Estou imóvel,
logo,
estou só
a ouvir a música das sombras.

Monólogo nº 38

Eis que estou sobre a ponte.

Quero ser indiferente como a ponte sobre a qual estou,
sob a qual passa o rio
que passa enquanto a ponte sobre si permanece.

A turbulência do rio
é a turbulência da vida,

Mas a imobilidade da ponte é o meu pensamento mais profundo
onde,
mergulhar
é isolar-me,

Enquanto a sombra estendida sobre a água indômita
é o fio
a unir a quietude e a fúria
que só a morte pode romper.

(Quem,
todavia,
ousa ou deseja
romper esse fio?)



(Hei de viajar todas as léguas
não no lado de lá
ou no lado de cá da ponte,
nem mesmo parado
estático
e meditativo sobre ela;

hei de viajar, sim,
mas aqui dentro onde tudo é somente sentir,

onde quer que eu esteja,
e fazendo o que quer que eu faça...
Essa imobilidade sobre a ponte cerceia as viagens,
os vôos,
é fria,
meticulosa,
e talvez aponte-me verdades e dúvidas novas,
descerre-me aos olhos espaços e espaços,
mas deixa-me cravado na impossibilidade
de ir além
na análise das coisas,
no estudo do mundo.

Se sou imóvel,
estou preso,
e a liberdade é coisa que não me posso dar o luxo de conhecer;
é preciso,
portanto,
afundar no turbilhão do movimento desordenado,
esquecer,
esquecer,
esquecer...
e enfim soltar-me ao vento vespertino como
folha no vórtice dos vendavais,
não ter destino, fim ou pouso,
somente ir,
deixar-me ir
ir
ir sem pensar que haja qualquer coisa chamada regresso.

Para o inferno a verdade e a mentira e todo caminho que se busca no emaranhado das idéias e todos os sistemas filosóficos que pretendem estabelecer um limite,

e dogmas
doutrinas
e ditames absurdos!...

Entretanto,
que é que espreita detrás desse muro

com olhos corrosivos,
ou naquele beco;
disfarçado atrás da vitrine
ou quem sabe em plena avenida central ao sol do meio-dia
em completa nudez?

Os limites?

O momento de voltar?

A morte?

Que importa nome e aspectos que acaso possua?

Importa só que está ali,
ali!



Devo dividir-me.

Sim,

permanecer talvez algum tempo aqui, para,
em seguida,
experimentar o que seja esse vórtice
e tornar à minha tranquilidade
sobre a ponte, e...
...e.



[Um dia olhei-me ao espelho

e vi

no meu corpo refletido

uma armadura, e um elmo na minha cabeça, enquanto empunhava um escudo e da minha cintura pendia uma espada.

Que fazia eu ataviado assim para uma guerra medieval que somente eu declarei

e a inimigos que nem ao menos conheço
com tão velhos

empoeirados
e enferrujados armamentos?

Aquilo, sim, era o vórtice,
o sonho,
a viagem.

Aquilo sim era partir sem me recordar do regresso,
que podia ser em breve

no próximo minuto,
ou demorar uma vida inteira.

Era quando eu poderia viajar minhas muitas léguas
e ter como rumo a estrela Polar

ou qualquer estrela,

Que todas guiam para o rumo do sonho e do des-

prendimento.

Mas sempre há olhos corrosivos espreitando detrás dos mu-
ros e vitrines...

E foi há muito tempo que desvesti minha armadura
e deitei para um canto o gládio
o escudo
e a lança.

Foi há muito tempo que toda batalha para mim
(ou sonho ou viagem)

tornou-se apenas velhas imagens num filme antigo em pre-

to-e-branco,

defectível

sombras e luzes a dançar nas paredes congeladas do intelecto in-

como essas imagens dançavam
na tela sem nunca imprimir
nela qualquer sinal.

E assim,

pois,

nada,

nada ficou...]



Voltando-me para meus passos de agora, um vão onde tudo se dilui,
o D. Quixote que fora um dia já não sou,
apenas sua triste figura
se desenha dentro de mim,
enquanto nessa treva
a dissolução das coisas é medonha...)

A ponte envelhece,
Mas o rio se renova sempre no contínuo correr das águas.
O rio, porém, pode secar
E a ponte permanecer sobre o álveo ressequido
E um dia ruir
com estrondo e nuvem e pó,
e então...
Mais nada,
dormência,
silêncio...

Tudo,
pois,
perece.
Nada é perene
ou permanece.

Monólogo nº 40

Minha loucura é o grito que não ousa soltar,
Prenunciado por uma agitação na alma
E um debater-se de braços
feito trapo arrastado pela ventania sobre despenhadeiros.

Talvez a loucura seja eu estar aqui,
falando sozinho,
Quando o som do que digo é minha única resposta,
e o que eu digo
não mais que qualquer coisa,
qualquer som
que, dentro do silêncio, parte-o ao meio.

Que importa se falo alguma coisa
Ou se o que se escuta é o ruído da locomotiva que passa, ou do vento na folhagem?

Nem o vento,
nem as folhas,
nem a locomotiva que passa dizem nada.

Eu também não digo nada.

Porque, de que valem as palavras
Se as pronuncio para as pedras,
para o deserto,
para a noite?

Estar louco é um pano amarelo feito uma bandeira
agitado ao vento
num crepúsculo tardio,
E o mastro fincado na velha parede
dói

como a ferrugem o corrói.
Para lá da parede, sobre a esplanada,
só o areal e a escuridão.
Aquém, não sei que é do resto da parede, que fica para
trás de onde estou, e há
ainda essa janela incompleta
que surge na imagem que
minha mente elabora.

Estar louco é postar-se num mundo incompleto
De onde, tudo que se vê,
é meia parede,
meia janela,
um trapo a agitar-se ao vento
preso num mastro enferrujado
que dá para uma esplanada
onde é noite.

Quero estar no deserto
e gritar para essa lua vermelha
toda minha demência,
porque minha demência é pensar que posso falar à lua quando
não alcanço nem a mim mesmo com minha voz,
pois se falo
não é minha voz que escuto
mas apenas as palavras que digo.

Minha voz sou eu por fora, que não me acho,
Minhas palavras eu por dentro, que me perco.
O que fica não tem nexo:
É uma ausência que tange o vazio.

Na aridez do deserto com uma lua vermelha por cima
sou o que não me fiz
e não projeto sombra.

Não, não hei de conversar com a lua,

não devo,
Pois a trajetória da lua é curva
e minha voz tão reta que não se coaduna,
e o que digo
tão torto
que se torna incoerência.

Na quietude da noite no deserto, com uma lua no bojo,
Eu deveria em verdade latir para ela,
Deixar escapar pela garganta uivos e ladridos selvagens,
Como um cão cujo dono é o próprio coração doente,
E a coleira,

essa espécie de angústia farpada presa no pescoço,
mas por dentro.

(Eis que esse cão às vezes ousa abanar a cauda aos seus inimigos,
por isto devo odiá-lo e repeli-lo de mim mesmo,
e rasgar de todas as Bíblias do mundo as páginas que nos ensinam a ser cães
que abanem a cauda àqueles a quem odiamos.)

Vou atirar-me do penhasco.

Quem sabe arrebento-me logo nas pedras embaixo,

e com isso deixe suspenso no ar

um fio impossível de sangue,

uma improvável lucidez,

porque nada é mais lúcido que atirar-se alguém do penhasco e ar-
rebeitar o crânio nas pedras embaixo.

Todavia,

o que pretendo?

Um novo elogio à loucura

ou loas ao discernimento?

(Penso escrever um novo Evangelho
onde eu serei um Cristo a ensinar o ódio como resposta ao ódio,
que não se sacrificará pelo mundo,
ao contrário,

erguerá milhões de cruzes

em milhões de calvários diferentes

onde se crucificará a humanidade,
e sobre cujo holocausto há de uivar
não de dor
mas de deboche!)

Essas coisas a se baralharem-me na cabeça...

Meu coração figura um penhasco,

E se caio dele

esmagamento de encontro às rochas tudo que se pode chamar amor e ódio, dor e prazer, compaixão e impiedade,

Ficando no ar

o fio evanescente

dos sentimientos

em frangalhos.

E assim, tudo que fica é uma sutil indiferença.

e esta imobilidade que levita.

Portanto não me poderão chamar de louco, nem tachar-me de homem discernido,

e embora continuem a considerar-me

ora uma coisa,

ora outra,

não saberão a verdade.

Não saberão que não sou nem uma coisa nem outra,

ou que sou ambas ao mesmo tempo,

Porque terei meus momentos de estar junto a

esta parede incompleta

olhando o tremular da

bandeira amarela na noite

da esplanada,

e também as ocasiões de ter sentimentos e saber o que são.

Monólogo nº 41

Ah, Hora outonal e vazia que antecede a noite,
 exordium da treva iminente,
 momento
 em que não as primeiras sombras
 mas a angústia de senti-lo
dá-se-me no coração, nos olhos, no tardo e estiolado ser...
 e a angústia de existir
se detém sobre as coisas,
 sobre as coisas vivas e não vivas,
 passivas ao funeral do dia,
 quando foge a alegria...

Hora misteriosa e opressiva que não se descreve pela luz que entardece e
parte,
 nem pela escuridão que se insinua,
 furtiva
 mas inevitável,
enegrecendo o verde da paisagem que mergulha na sombra
 com pontos de luz a sugerir o doce e receptivo conchego dos lares,
 enquanto no céu noturno
 as primeiras estrelas aparecem...

Ah, Hora além de todas as horas porque sem tempo e limite,
 que se dá no encantamento do ocaso
 e se estende muito para lá do meu ser sensitivo,
 no profundo ser de todas as angústias solenes e caladas;
 mas também aquém de todas as horas explicáveis
 e anterior a todo coração que dela se aperceba...

Hora solene,

imitação da morte
com todos os seus mistérios sem tê-los exatamente, a não ser dentro de eu senti-los...

Ah, Hora de lucubrações
que sobrevêm ampla
como o mar que se esconde nas conchas,
mas que não está dentro delas...

Hora sempre rediviva,
como nós
que a cada volta continuamos ali,
imediatos e atentos...

Hora antiga e tardia, velha hora de solidões,
recolhimento e ruídos velados em que, se me detenho à janela,
à janela permaneço atento a essa agonia silenciosa e lenta que
lembra desvanecimento e vertigem,
e uma embriaguez que não é do corpo,
mas da alma,
mais que da alma,
da consciência
de que existindo-se,
existe-se mais...

Hora de todos os sonhos que não se sonham,
mas que pesam em nossa vigília
como vultos sem face
anônimos mas presentes.

Ah, Hora semelhante a navios que partem,
Hora como acenos de adeus com lenços brancos nos tombadilhos,
mas que do cais ninguém responde
porque não há o cais.

Ah, Hora como o horizonte no mar,

ilusório limite em que céu e oceano se fundem
mas não se dissolvem;
 porque também o dia e a
 noite se misturam mas não
 se confundem;
mas que também não se assemelha ao horizonte no mar,
que qualquer horizonte é um fim,
enquanto essa hora não é nem fim
 nem começo
 nem meio,
 mas tão só um tempo indefinível
 qualquer coisa
que, a existir, não existe a não ser em seu próprio absurdo,
 pois,
 como saudade
 ou lembrança
 ou qualquer coisa vaga que só existe quando se pensa,
essa hora é só como a percebo
quando penso nela.

Ah, Hora,

Hora em que quisera adormecer para não vivê-la,
adormecer como criança sobre a relva,
dormir como os pombos no pombal,
Hora, no entanto, em que nem mesmo as sensações se reclinam.

Monólogo nº 42

Há dias em que no meu coração é carnaval,
Um carnaval onde ele próprio é o único folião,
pobre Pierrô
cuja Colombina
é a alegria fingida em seu riso de cartaz com anúncio de dentifrí-
cio.

Lá vai
desfilando sozinho para uma arquibancada vazia,
Numa passarela vazia,
de luzes apagadas.
Nesse desfile trágico para o silêncio
Pisa o que ficou do carnaval numa noite velha que já esqueceu,
a que espreitava através de uma fresta do seu esconderijo,
E que ficaram ali
a atestarem que um dia aquelas luzes estiveram acesas,
as arquibancadas cheias,
e na passarela uma multidão agitava-se ao som do batuque.

Meu coração desfila nu,
Que essa nudez é a alegoria que lhe cabe,
A fantasia de tudo que tem,
e teve
e há de ter ainda.

Ridículo e louco desfila,
E, sem nem mesmo rir de sua própria pantomima na solidão da avenida,
Sonha aplausos ao chegar ao fim...

...Depois, atira-se no último trem e volta para o subúrbio obscuro de sua
íntima agonia.
E adormece.

Monólogo nº 43

Os sonhos partem de mim como navios,
antigos veleiros cujas velas abertas ao vento
não são velas
 mas adeuses acenados ao longe;
provetas galeras,
 tardas e melancólicas,
que partem para seus naufrágios,
 para seus portos impossíveis,
que não voltam ao cais
 porque partiu-se o leme,
 e desfizeram-se os rumos...

Devera talvez ter partido também;
 mas de onde?
 E para onde?
Perguntar para onde tolheu minha ida,
 e fiquei.
E quando quis saber onde havia ficado
 não encontrei resposta.
Vi que não teria porto de chegada, se fosse,
 mas onde quer que estivesse
 estaria partindo sempre;
 mas também ficando sempre
 e não teria porto de partida
 se ficasse.

E aprendi que ir ou ficar eram a mesma coisa.
A consciência disto sói incomodar-me por dentro
Como incomoda-me,
 por fora,
 esta liberdade de não ter aonde ir.

Ah, o que não daria para partir com essas velas vadias sobre as águas
até sentir no rosto o bafejar de outra terra tropical que existisse a-
lém do meu puro desejo,

real como é real querê-la!

Ah, ou então ficar,

ficar numa terra tropical
que eu diria minha
e onde eu seria o que sou
menos essa tristeza.

Entanto fico ou parto,

e é só o que posso dizer.

Meu peito é um cais deserto

e o coração pulsa como a ondulação das águas de encontro ao a-
tracadouro.

E todo o meu ser é essa tarde de sol na solidão do cais,

Na quietude de não haver mais sonhos...

Eu era apenas menino quando ouvi sobre o mar pela primeira vez,

E não sabia o que era o mar.

Um dia

– e eu nunca soube desse dia –

Quis ser um menino vendo partirem os navios,

e não fui.

Quis procurar o cais,

e não havia cais,

não havia nada.

Quis, pelo menos, em minha terra ter palmeiras onde cantasse o sabiá,

Mas não tive terra nem palmeiras,

e o meu sabiá canta numa gaiola.

Também não tive navios,

mas tive sonhos...

Monólogo nº 44

A hora do crepúsculo são esses portais por onde entra o desencanto.

É quando me debruço sobre mim mesmo

E vejo passar,

longa,

minha sombra na estrada em frente,

como peregrino à Meca da loucura,

homem sem olhos cujo rastro apaga-se com a viração da tarde.

É à hora do crepúsculo que me deito sobre o esquecimento de todas as outras horas,

e sinto

com mãos insanas

a textura do delírio,

E o sorriso que ousa

é contrário ao brilho dos meus olhos,

se eles brilhassem.

Que decerto meus olhos brilham,

Mas é certo que também não brilham,

Porque são contraditórios.

Que olhos são esses, meu Deus?

Que mãos são essas,

que tangem pesadelos

e que no despertar da madrugada mergulham na terra até sangrar,

até eu compreender que o que busco é agarrar a ossatura da noite

– essa que sustenta com seus horrores o mistério,

Mas que somente chego a apertar entre os dedos

o granizo,

a geada,

a lama das valas!

A hora do crepúsculo são portais que dão para o silêncio de existir,

onde me detenho
inquirindo-me sobre meu caminho.
Debruço-me sobre o que sou
e o que não sou
e não fui
mas também o que fui um dia,
Que o que fui um dia
já não está aqui,
pois não vejo passar na estrada em frente a sombra que foi minha:
decerto ela já se foi
e eu nem me dei conta,
e quando despertei vi que de mim restava apenas
um conceito,
uma forma,
uma lembrança...

É quando me decido a partir
e a hora do crepúsculo mostra-me o deserto à minha frente,
a charneca
onde tropeço nos ossos dos que tentaram antes de mim...

Estou só nessa hora
E percebo que me resta apenas andar:
Sigo em frente sem ruído,
E sei eu pudesse ver-me pelas costas,
indo,
Veria apenas um homem que vai,
somente vai.
Teria o rosto bem magro
E de sob a pele
os ossos da face saltariam,
os olhos estariam fundos –
não de cansaço
mas dos pesadelos que inventou para si;
e seu sorriso congelaria nos lábios.

Sigo em frente e já não sou eu,
Que me converti em “ir”,
Ir apenas,
Ir,
Porque isto é viver.

Ver-me-ão os homens assomar entre as sombras,
E meu rosto terá a rigidez da rocha;
Nada poderão descobrir nele,
E o meu silêncio os enlouquecerá.
Ver-me-ão desaparecer na noite,
Pois deixei para trás o ocaso,
E quando procurarem meu rastro,
Perder-se-ão.
“Onde está aquele que vai?”,
Perguntarão entre si;
“Vimos apenas um homem de costas,
mas quem encarou o seu rosto tornou-se estátua de sal.”

Dirão outros:

“O que será de nós,
Homens de Sião,
Homens de Jerusalém,
O que será de nós se não aprendermos com ele o seu silêncio?”

Sim, tudo isso se dará à hora do crepúsculo,
E eles terão visto apenas um homem que partia,
Um homem cujas mãos tangem pesadelos,
O rosto de pedra inabalável,
Cujos cabelos
cedo
embranqueceram.

Monólogo nº 45

Eu queria ser livre,
Mas, ah!, como custa ser livre!
Sim, porque a liberdade não é isso de andar pelas ruas,
De pensar-se o que queira,
De dizer bom-dia ao dono da quitanda,
ou não dizer bom-dia...

Ah, Deus, como custa ser livre,
Como custa conhecer a liberdade
se a própria roupa que visto
fica-me como prisão!

É bom andar pelas ruas nas manhãs de feira,
Ver a multidão que compra vende passeia,
que toma café nos bares
e olha vitrines,
que anda à toa nas calçadas
ou trabalha nas lojas e repartições,
que fala e ri e agita-se
ou deixa-se ficar ao sol
olhando a manhã...

Sim, é bom,
Embora entristeça-me saber que esse momento é único,
Que não se repetirá noutra manhã de feira
na próxima semana,
no próximo mês...

Porque venho tendo esses momentos desde minha infância,
minha adolescência,
minha primeira juventude,

E todos eles se parecem até que mudanças mínimas trazem o dia seguinte

em que tudo é diferente.

A multidão que burburinha esta manhã não é a mesma de dez anos atrás,

Eu não sou o mesmo de dez anos atrás

Porque, do que eu fui dez anos atrás ficou-me apenas essa angústia sem remédio,

E essa busca de ser livre,

Essa expectativa...

A própria cidade se transformou,

Esta rua que ainda é a mesma,

já não é a mesma

E as pedras do calçamento, ali por mais de meio século,

Acumulam hoje memórias rupestres que jamais serão lidas,

Diferentes daquelas de dez anos atrás.

Sim, é bom andar na manhã,

Ter à volta o povo,

Embora doa pensar que tudo isso seja abstração,

Porque os que aí estão vão embora para que outros venham fazer as mesmas coisas,

E esses outros também se vão para que ainda outros tenham seu espaço,

E com isso o homem não permaneça,

A lida não tenha fim ou propósito,

Até que a própria cidade se transforme mais

E um dia não mais exista

E não exista mais ninguém

E nada do que foi

na verdade foi

ou teve algum valor...



Por isso quero ser livre,

Livre do que sou por injunção,

Mas não livre da vida

ou da morte

ou do esquecimento...

“Custa compreender que a liberdade não é para o homem?”

É a voz desconhecida,

Pasmo ouvindo-a:

“Talvez para o cão,

para o pássaro,

mas não para o homem?”

Que voz é esta,

pergunto,

enorme e vasta como a noite que não amanhece?

Que voz é esta

Pesada como lajedo,

Que voz é esta,

ácida e reta,

incisiva

a querer crucificar-me com o madeiro de seu ditame absoluto?

Ouvirei essa voz sem dono

(sem outro dono que o cárcere da incerteza dentro do que sou)

ou deixarei partirem os pássaros de mim

e alçar-me-ei em seu vôo a outras terras,

outros céus

no rumo dos ventos?

Ou deixarei partirem as asas que não são minhas

Ficando eu perdido em meus túneis,

E nos ouvidos essa voz

anulando em mim a liberdade?

Com que certezas

poderei voar?

Não, que não tenho certezas...

que os pássaros partirão...

que o sol vai e vem e vai...

E somente eu fico aqui.



Mas neste momento em que escrevo,
chove.

É noite
e chove.

Serei eu mesmo quem escreve?

Estarei liberto neste momento?

Não conhecerá a criatura humana lapsos de liberdade,
fragmentos de não saber a servidão?

Enfim, que liberdade busco
se tudo faço
e mais que todos posso estar aqui,
agora,
ouvindo a chuva que cai no azulejo,
que encharca as ruas,
e sentindo a presença da noite?

Ainda assim não serei livre?

Que liberdade anseio tanto
se nada em mim tolhe meu pensamento?

Se posso estar imóvel na chuva
e sentir as sombras pesando-me frias na alma?



É suave esta hora.

É suave saber que chove e eu posso estar aqui, a escrever,

Sentado em minha cadeira,
porque ainda não faz frio –
esse fantasma que chega com a madrugada.

Mas quero-te,
ó frio,
sim!,
pois tu me ensinarás a liberdade.

Ah, sei que sou livre para sentir frio

E para ouvir a chuva
e ter a noite ao meu redor.

Que me importa o que aconteceu dez anos atrás
se hoje eu estou aqui
comigo mesmo
com os meus versos
e com a liberdade de sentir frio?

Com a liberdade de ficar de vigília pela noite
até madrugada,
para vê-lo chegar, porque sei que ele vem.

Não é dado ao homem ser livre?

Quem pôde afirmar tal ignomínia?

Pois ouvi, todos vós que pregais falsas filosofias,
que berrais nas portas dos botequins seus provérbios alcoólicos,
que agitaís vossos braços nas igrejas ensinando mistérios que não
compreendeis,
que murmurais nos becos com as prostitutas e os veados, entre ri-
sinhos torpes e gestos obscenos;

Ouvi!

Ouvi todos vós

que vos pondes a cantar hinos de louvor
ou a invectivar deuses e demônios,
que vos entregais à adoração de ídolos de barro
ou a acender velas para os mortos,
que vos submeteis aos ritos de cachoeira ou encruzilhada
ou aos mantras dos botequins noturnos;

Ouvi!

Ouvi, vós todos,

homens de negócio cujos grilhões são de ouro,
homens de estado cujo poder é efêmero,
homens do povo cujo legado é a obscuridade;

Ouvi todos vós que plantais a semente do pão de amanhã,

que temeis a morte por ignorância
e a vida por negligência,

que vos reclinais longamente sobre livros e tratados e cálculos
ou vos deixais conduzir pela caleça da estupidez;

Ouvi!

Ouvi, vós todos,
homens, mulheres e crianças que traçais linhas velozes no tempo
em direção ao nada,
vós, poetas, que elevais em brados litánias desvairadas,
vós, carpideiras, que carpis sobre os sonhos que ousei sonhar
mas não ousei construir
e cujos escombros são entulho a pesar-me no coração timorato,
vós, que do escuro, com grandes olhos brancos e quietos, obser-
vais mudos o horror da vida,

Ouvi!

Ouvi todos que perorais
frutífera ou infrutiferamente
a quantos vos queiram
ouvir ou ainda a quantos é indiferente que vos ouçam,

Ouvi, mesmo que seja eu a perorar e a ninguém interessar o que vos quero
dizer,

Ouvi, porque vos quero declarar que sou livre!

Pois o frio vem pela madrugada,
e eu posso estar aqui
à sua espera.

Monólogo nº 46

O que fica das minhas lágrimas

é saber que chorei;

E do meu pensamento corroído

a imagem esmaecida de um barco velho no cais

lamentando os mares que não pôde navegar.

Monólogo nº 48

Não tenho pátria

nem quero tê-la,

Porque minha pátria são os meus passos que me levam pelas ruas,

Os caminhos que percorri,

E os que não percorri

serão minhas pátrias prováveis,

E os que jamais hei de percorrer

hão de ser as pátrias a que não tive direito.

Assim também não tenho bandeiras

Nem canto hinos pátrios,

porque minha bandeira é o que meus olhos podem enxergar além
dessas montanhas azuis,

e os hinos meus mais belos são seguramente as cantigas de roda
das meninas de minha infância,

a música sertaneja que os trabalhadores cantavam nos morros, e
eu, garoto, escutava,

ou os versos obscenos que o Américo,

velho agregado da fazenda,

compunha.

Ah, não tenho e não terei pátria,

Que uma pátria nos aprisiona

e nos torna fera³.

Não, não desejo pátria alguma!

Mas tenho uma casa

numa cidade que,

é certo,

jaz numa pátria qualquer.

A casa é minha

³ Expressão usada pelo personagem Zorba, do romance Zorba, o Grego, de Nikos Kazantzakis.

mas a cidade não,
e a pátria não sei qual seja.
É por isso que preciso partir,
ir-me embora,
livre
e talvez doido,
mas ir-me embora;
fugir dessa prisão
sem portas nem janelas
nem cadeados.
Ir-me pelas ruas da minha cidade cantando uma canção qualquer,
e nu
por dentro.
Ir-me,
Enquanto os bêbados vomitam nos quiosques
e as putas dançam nos becos,
Enquanto cães magros viram latas no chão
e doentes morrem nos hospitais.
Ir-me,
aos doentes cabe-lhes morrer
se não se podem curar,
e a mim continuar vivo,
que não se pode morrer mais que os outros:
todos morrem em quantidades iguais,
ninguém mais nem menos.
Mas o homem cujas ilusões se desfizeram,
Mesmo que vivo,
Morre com cada uma delas.
No fim, somam-se todas essas pequeninas mortes quotidianas
E o resultado é igual a uma morte única
Que leva o corpo à terra
e a alma ao esquecimento,
Porque cada homem é um ser pleno de ilusões desfeitas,
Em igual medida,
E em todos a inutilidade de ser se manifesta de uma forma diferente.



Aí está minha pobre pequena cidade,

Minha Paty de ruas de pedra

E gente de mentira.

A ilusão de suas vidas constrói-se dia a dia com seus bares, lojas e armari-
nhos,

Seus cafés, restaurantes, órgãos públicos,

Com suas igrejas, centros espíritas, terreiros de macumba,

Em suas casas de diversão, escolas, rodoviária, biblioteca,

Em suas festas de santo padroeiro, de aniversário, suas quermesses, seu car-
naval miúdo;

Nos carros que passam por estas ruas e não voltam,

Porque quando voltam o carro já não é o mesmo

e a rua é outra,

Nos sapatos expostos na vitrine com preços que logo são remarcados,

ou na boneca que a menina pobre cobiça com olhos compridos,

No jornal que se faz aqui mesmo, contando as intrigas provincianas e do-
mésticas de vilarejo perdido, cuja prosperidade é lenta ao longo das tardes de sol e
preguiça,

E nos olhos exaustos dos últimos velhos do tempo antigo

Que olham tudo isso mudando

e às vezes não acreditam,

– E sem perceber que sábio é não acreditar em mudanças,

Pois as mudanças são apenas os disfarces com que se oculta a grande e inal-
terável inutilidade de tudo.

Ah, pobres velhos que olham para ontem e revêem a cidade ainda menor,

poeirenta,

sem luz,

sem água encanada,

sem calçamento,

meia dúzia de casas e o largo da estação...

Ah, pobres velhos,

tudo o que revedes na memória em preto & branco continua aí,

escondido na mentira das cores que hoje lhes saltam às vistas.
Tudo continua preto & branco,
até os vossos ternos de casimira inglesa cheirando a naftalina,
até vossas sombrinhas furadas de traça,
até vossos ossos cuja erosão se acelera.
Mas ao contrário, que piedade imensa tenho dessas crianças,
Desses adolescentes,
Desses jovens que pensam despertar para a vida e para construir o futuro!
Que todos serão atropelados pelo futuro
e, quando o vendaval cessar,
tudo que restará para essas crianças,
esses adolescentes,
esses moços,
serão os destroços do que na realidade não puderam construir,
pois o que julgaram construir
é tão efêmero e ilusório
que não tem sentido,
E é quando a hora de partir dá pancadas à porta.

Ah, pequena cidade que não é minha,
e que me aprisiona na estreiteza de seus limites,
Preciso partir,
fugir desses limites,
rompê-los,
varrê-los de mim,
E sinto que quando eu partir para algum lugar cujo nome ignora-se
Tu já não existirás,
E somente o pó das tuas ruínas persistirá no ar que respiro,
E somente o ruído de tuas ruas
e de teus dias
Animará meus ouvidos sem música,
E se eu voltar e olhar tuas casas que ruíram
Toda haverás de reviver em minha percepção,
E no meu coração sentirei pulsar as coisas que aqui foram tantas
mas que se desintegraram sem remédio
e se converteram em pó.

Para que voltar então?
E para que ter pátria?

Sim, nunca desejei ter pátria,
 menos ainda agora,

Porque ter uma pátria
 é ser o dono de suas ruínas de amanhã,
 de suas misérias de hoje,
 de suas falsas glórias de ontem,
 de suas vergonhas de sempre.

Não preciso de uma pátria para ter ruínas,
 misérias,
 falsas glórias,
 vergonhas...

Basta-me a vida.

Monólogo nº 49

No silêncio,
As palavras e a voz com que são ditas
 convertem-se num só.
Porque se um cala,
 o outro emudece;
E se o resíduo da voz
 é só o timbre
 que se dissolve no silêncio,
Da palavra
 o que resta
 é apenas o sentido
que permanece enquanto não sobrevém o esquecimento.

Monólogo nº 50

Tudo se aquieta de repente –
calmaria...

Nesta tarde dourada, imóvel no tempo,
estou suspenso de mim...

Não, não devo falar –
minha voz soaria como a queda de alguma coisa sobre a mesa.

Se falo,
dissolvo-me no que digo
e fica uma sombra,
e depois não fica nada.

A tarde é densa
e pesa em minha alma
como um incômodo de algo que não sei, mas sinto.

Nessa imobilidade
detenho-me ouvindo o rumor silencioso do tempo que passa,
que passa e me leva consigo numa viagem sem regresso para a
qual não comprei bilhete algum, nem paguei qualquer tarifa, mas cujas custas vou
saldando dia a dia com o que perco de mim.

Às minhas costas avoluma-se o que já não sou,
enquanto à minha frente a estrada não tem rastros.

– Veja o vale, eu digo, ó tu que passas,
veja o vale!

Digo-o inopinadamente,
sem que eu mesmo o espere digo,
mas não passa ninguém para ouvir-me
e para ver o vale.

Que o vale é o grito que dei e não teve eco,
E o grito que dei

partiu-se de mim
como eu mesmo venho partindo de mim a cada dia, e deixando

meus resíduos na memória que carrego como um fardo, uma bagagem pesada, a mochila de um andarilho,

no desespero de não ter enlouquecido.

Eu também não tenho eco do que sou –

tenho apenas um nome,

e essa figura que aquele que passa pode olhar, se quiser.

– Veja o vale, repito, ó tu que passas,

veja o vale!

Mas a tarde continua imóvel no tempo,

E o tempo passa sem fazer ruído algum

e sem ver o vale.

Que o vale são os meus olhos que aquele que passa inadvertidamente fita mas não vê, e segue adiante, e o eco no vale é esse nome que é meu e as pessoas dizem ao acaso.

O vale é essa depressão que o tempo abriu em meus dias

entre a rocha cinzenta que já não sou

e a página em branco do que não sei que serei.

O vale é sonhar em vão,

É estar aqui inutilmente,

É sorrir para uma parede.

...e, de repente,

ouço a voz,

o acalanto,

música tão antiga quanto o mundo é antigo,

e que vem de tão longe quanto o vento vem de longe

e que soa como amplidões,

como a tarde vasta,

como a névoa remota do poente

enquanto o dia ainda retém sua luz.

Essa música que vem:

uma voz furtiva, serena, a elevar-se, e cujo silêncio soa ainda muito

maior.

Essa música,

uma voz de mulher ausente

a balançar um berço onde a criança que se acalanta

jaz morta.
Recolho essa cantiga com os meus sentidos despertos
E ouço-a como sinto a aspereza das pedras,
ouço-a com piso as rochas,
mas essa cantiga é o momento de eu ouvir os ruídos da tarde esta-
cionária, pois logo vem a noite
e me dou conta de que, embora imóvel, a tarde passou e sobreveio
a noite.

Que o acalanto da tarde silenciou
E já não tem importância continuar ouvindo.
Ausento-me, pois, dos ruídos para o silêncio de existir, anônimo,
no escuro dos dias que se sucedem como vagões de um trem que
passa para uma cidade qualquer que não sei.

Ausento-me,
e faço versos
porque em fazer versos jorra de mim um rio,
um rio que não vai para o mar, mas para um espaço maior que o mar, um
rio subterrâneo que aflora súbito
como a luz repentina de quando se abre uma janela à noite.

Ausento-me,
e já não sou eu que estou aqui
mas o rio que corre,
já não sou sequer o rio que corre
mas só o correr,
o correr interminável do rio.

Monólogo nº 51

...minha pobre roupa velha,
um tanto puída e empoeirada,
suja da fumaça dos ônibus.

Meus sentimentos
são como uma roupa velha que os pobres recebem por esmola e
continuam usando.

Que os sentimentos gastam-se de sentir-se sempre,
Envelhecem no ramerrão das horas repetitivas e insones,
Tornam-se trapos,
com remendos de ilusão,
remendos de outra cor, como sói ver-se nos andrajos dos mendigos,
dos operários, da gente miserável que povoa os subúrbios.



E de repente estamos aqui
e podemos pensar estas coisas,
e colocar nosso coração pulsando sobre a mesa, e ouvir sua voz.
Não, talvez não quiséssemos olhar pelas frestas, que alguma coisa medonha
poderia dar-se-nos a ver do outro lado,
que ouvir a voz do coração é olhar pelas frinchas de uma porta
ou uma janela
e dar com coisas insuspeitadas
que podem estar nos fitando de lá,
apontando-nos com um dedo, a dizer:
“...você... você...”

Talvez quiséssemos apenas estar aqui,
Sossegados em nosso silêncio

Escutando a noite.
Talvez quiséssemos apenas dormir,
Mas alguma coisa nos inquieta
E sua presença enorme
– que não vemos
mas sentimos –

Lateja-nos na alma
como um pêndulo.

Distraímos-nos nesse burburinho,
Esquecemo-nos na noite adentro,
E se desejo falar

perde-se minha voz e o que digo nesse vozerio, à música renitente
da vitrola, no ar abafado pelo fumo e pelo cheiro de bebida.

(...pois minha voz e o que digo formam um dialeto que inventei
para não entender minha própria agonia.

O que foi feito da minha voz

que soa como a sombra que perdi?, eu penso; e o que foi feito do
meu rosto fugitivo dentro dessa correnteza onde mergulhei
e ele já não estava?

*“Estou além do rio, penso,
além do fundo do rio,
além do abismo”;*

E penso que estou morto.

Mas também que estou vivo,

pois a voz que foi minha
ouço-a,
imóvel,
ao meu lado,
uma presença palpável e inútil
que posso tocar se quiser,

e ouvi-la é uma atitude concreta que chega a ter peso.

Ouçó-a

como vejo um pano pendurado duma janela.)

Mas você,

Em que estará pensando você neste momento

em que olha a rua, a gente que passa, os carros que vão, as horas que escoam...?

Você continua sua viagem,
Mas eu estou de regresso ao fugidio momento presente de que sou parte.
Sim, talvez estejamos aqui apenas para testemunhar este momento,
apenas para nos lembramos dele um dia
e concluirmos que não foi mais que um instante descosido de vida,
e o que dele nos ficou
é tão só essa percepção confusa de uma conversa, um bate-papo trivial, coisas ditas que já se esqueceram, que não tiveram propósito nem resultado, enquanto tudo aquilo que eu teria desejado falar por certo calei.

Um instante, um retalho de existir,
Não mais que isso,
Pois existir é montar um quebra-cabeça que forma uma figura incompreensível,

E percebemos isto
Quando estamos juntos novamente
Dez anos depois,
Quinze anos depois,
E nos vemos envelhecidos reunindo peças das quais nada podemos ainda dizer ou concluir.

Então lhe pergunto:
“*Que figura é esta?*”, e você repassa as peças encaixadas, olha-me com um olhar de desilusão,
e diz:

“*Diga-me antes você, que figura é esta?*”

Então eu me calo.

Novamente tomaremos um chope juntos,
Novamente nos abraçaremos e contaremos velhas histórias,
Diremos “*estamos ficando velhos*”

E olharemos a garrafa, os copos, a espuma branca,
e o ruído do tráfego absorverá nossa atenção;
por um instante estaremos ausentes,
mas logo você dirá alguma coisa,

então pagaremos a conta
e não nos veremos mais por muito tempo.



Temo o dia de encontrar-te noturnamente,
Na escuridão,
E nossos sorrisos estarão velados pela sombra,
E nossas mãos, frias.
Você afirmará que é feliz,
E eu me verei obrigado a contar uma mentira também,
E cada um estará convicto de que desempenhou com perfeição seu papel.
Será tarde, esse dia, muito tarde,
E o que quer que tenhamos feito
Terá para nós sempre o sabor da água quando não temos sede.
Veremos passar as crianças
E ao mesmo tempo estaremos pensando:

“As crianças começam a construir seu quebra-cabeça, e não o sabem; um dia, talvez, virão a sabê-lo, mas não a compreendê-lo; e quando o puderem compreender, não haverá mais tempo para recuar.”

Nesse dia, por certo, não teremos também mais tempo para recuar.
E o pior disso
É a certeza de ignorar sempre se estamos juntando corretamente as peças.
Teremos conosco apenas essa noite que as luzes da cidade não bastam para
iluminar,

O reflexo das lâmpadas no asfalto molhado pela chuva,
E esse vento que vem,
a golpes intervalados,
contra os prédios, as vidraças,
e em nossos cabelos.

Você deverá reclamar de um reumatismo ou uma enxaqueca,
E eu, ao partir, não deixarei rastros.
Entre nós restará o espaço vazio
que a solidão preenche com seus ruídos comuns,
E a lembrança que levarei de ti

Será a mesma que deixarei contigo:
Uns olhos cansados,
A impressão de um lamento mais profundo que não foi dito por orgulho ou
vergonha,
E o grisalho dos cabelos atestando o fracasso de estarmos aqui.
Hei de me perder
então
para sempre no alvoroço das ruas,
E a imagem que ficou,
por um momento,
de ti, em teu agasalho pesado, acenando-me da porta do bar o teu
gesto final,
Há de me voltar às vezes, enquanto eu viver,
Mas eu já estarei distante,
E tudo estará se diluindo
irremediavelmente
à minha volta.

Monólogo nº 52

O que fica dos meus sonhos
é tê-los sonhado.

Triste seria não tê-los tido.

Triste é não saber que há sonhos.

Monólogo nº 53

Os meus fantasmas...

Não, não direi “os meus fantasmas”

Que todos dizem isto,

Todos dizem a mesma coisa de suas memórias,

dos seus mortos,

dos seus brinquedos perdidos.

Não tenho fantasmas,

O que tenho são espantalhos.

De braços abertos numa horta qualquer de ontem.

O que tive

É essa horta no fim da tarde,

Num dia luminoso de verão,

Quando as sombras que vêm

vêm leves e sem rumor algum,

Com uma promessa de saudade e repouso

Ou sem promessa nenhuma.

Assim, pois, falo dos meus espantalhos,

Dos dias de luz que conheci,

E das gavetas

que guardavam os retalhos com que costurei a roupa desses pobres bonecos de pano, que os pássaros não respeitam mais.

Lá estão eles sob a luz vespertina,

Silenciosos e pacientes,

Enquanto aos poucos vou me despindo dos meus dias

Como quem se despe para a noite.

(depois do último)

O rio corre

mas eu possuo a imobilidade do oceano.

O rio é veloz

mas nas profundezas eu adormeço.

E quando uma voz

anônima

e sem mensageiro

despertar,

Ressurgirei

movimento e palavra,

E farei uma canção para o mundo.

Manólagos

